



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS**

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA

COMISSÃO:

**IVANILTON JOSÉ DE OLIVEIRA
(Presidente)
ADRIANA OLÍVIA SPÓSITO ALVES OLIVEIRA
CLÁUDIA VALÉRIA DE LIMA
JULIANA RAMALHO BARROS
LARA CRISTINE GOMES FERREIRA
MANUEL EDUARDO FERREIRA
VALÉRIA CRISTINA PEREIRA DA SILVA
VANILTON CAMILO DE SOUZA**

]

Goiânia, outubro de 2011.

SUMÁRIO

1. Apresentação	03
1.1. Histórico do Curso	03
1.2. Exposição de Motivos	05
1.3. Diretrizes Curriculares	06
2. Objetivos.....	06
3. Princípios Norteadores para a Formação Profissional	07
3.1. Articulação entre teoria e prática	07
3.2. Articulação entre ensino e pesquisa	07
3.3. Interdisciplinaridade.....	07
3.4. A formação ética e a função social do profissional.....	08
4. Expectativa da Formação Profissional.....	08
4.1. Perfil do Curso de Geografia	08
4.2. Perfil do Profissional de Geografia	09
4.3. Habilidades e Competências do Profissional de Geografia.....	10
5. Estrutura Curricular.....	11
5.1. Matriz Curricular	11
5.2. Quadro-Síntese das Cargas Horárias	12
5.3. Elenco de Disciplinas	13
5.4. Sugestão de Fluxo de Integralização Curricular.....	24
5.4.1. Indicação de Disciplinas Optativas por Semestre	26
5.5. Atividades Complementares	26
6. Política e Gestão do Estágio	27
6.1. Estágio Curricular Obrigatório	27
6.2. Estágio Curricular Não-Obrigatório	28
7. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	29
8. Sistema de Avaliação do Processo de Ensino e de Aprendizagem.....	29
9. Integração Ensino, Pesquisa e Extensão	30
10. Política de Qualificação Docente e Técnico-Administrativo.....	31
11. Sistema de Avaliação do Projeto de Curso	31
12. Considerações Finais	33
13. Referências Bibliográficas	33

1. Apresentação

Este novo Projeto Pedagógico de Curso (PPC) representa o resgate de um dos princípios adotados pela comissão de reforma curricular que elaborou a matriz do curso de Geografia atualmente em vigor, acerca da necessidade de avaliação contínua do currículo, de forma a permitir o alcance da excelência no ensino, as correções de problemas porventura existentes ou, ainda, para atender as exigências legais e as demandas da formação profissional.

É com este intuito que o PPC da Geografia é aqui apresentado. Ele busca definir o perfil do egresso dos cursos de Bacharelado em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG), tendo como foco uma estrutura disciplinar pensada e concebida à luz da experiência da UFG, em especial de seu corpo docente no campo da Geografia; mas que considera, também, as matrizes atuais de outras grandes instituições de ensino superior do país, de forma a garantir que a formação do bacharel em Geografia da UFG seja condizente com a realidade nacional.

O projeto pretende adequar a matriz curricular e definir com clareza a importância de cada disciplina no currículo, dos conhecimentos, da metodologia e das formas de avaliação. Para isso, é essencial que os objetivos de cada disciplina sejam bem estabelecidos, como também que sejam claramente definidas as competências e as habilidades a serem desenvolvidas durante a formação.

A seguir, uma síntese das informações legais sobre o curso.

- a) **Área de conhecimento:** Ciências da Terra (*de acordo com o Censo da Educação Superior – MEC*)
- b) **Modalidade:** presencial
- c) **Grau acadêmico:** bacharelado
- d) **Título a ser conferido:** Bacharel em Geografia
- e) **Curso:** Geografia
- f) **Habilitação:** única
- g) **Carga horária do curso:** 3.240h (três mil, duzentos e quarenta horas)
- h) **Unidade responsável pelo curso:** IESA – Instituto de Estudos Socioambientais
- i) **Turno de funcionamento:** diurno
- j) **Número de vagas:** 30 (trinta)
- k) **Duração do curso:** mínimo de 6 (seis) e máximo de 10 (dez) semestres
- l) **Forma de ingresso ao curso:** processo seletivo

1.1. Histórico do Curso

O curso de Geografia teve sua origem no Centro de Estudos Brasileiros, instalado pela Resolução CFE/MEC n. 12, de 1962. Este Centro foi idealizado na “Semana de Planejamento”, realizada pela Universidade Federal de Goiás por sugestão do professor Darcy Ribeiro, então Reitor da Universidade de Brasília, e do professor Agostinho Silva, também daquela instituição de ensino.

O Centro de Estudos Brasileiros reuniu intelectuais goianos de renome e abriu espaço para a estruturação de uma área de conhecimento direcionada para os estudos regionais, inicialmente com um curso de Introdução aos Estudos Goianos (*UFG 40 anos: Memória e Vida*).

Com a implantação do regime militar de 1964, o Centro de Estudos Brasileiros foi extinto por intermédio da Portaria MEC n. 274, de 03 de dezembro daquele ano, ocorrendo uma adequação das disciplinas ministradas à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade. Em 1965, foram criados os cursos de História e Geografia, quando foi aprovado o Regimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFG, através do Parecer n. 508, de 15 de junho (*Documenta 38*, junho-1965, CFE/MEC, p. 45). O curso de Geografia foi reconhecido por meio do Decreto n. 63.636, de 19 de novembro de 1968, conforme solicitação do Reitor Jerônimo Geraldo de Queiroz. (*DO 25/11/1968*, p. 102-17; *Documenta 94*, novembro-1968, CFE/MEC, p. 141).

Com a Reforma Universitária, houve um plano de reestruturação da universidade brasileira, idealizado a partir do acordo MEC/USAID, deflagrado pelas Leis n. 5540 de 28 de novembro de 1968 e n. 5692 de 1971 e pelo Decreto n. 63817 de 16 de dezembro de 1968. Foi extinto o sistema de cátedras

(Decreto n. 53), ocorrendo o desmembramento das unidades existentes em Institutos e Faculdades, com funções diferenciadas e a centralização de matrículas e de inscrições aos vestibulares, que anteriormente eram feitas nas diversas unidades.

Nesse mesmo processo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi desmembrada, dando origem ao Instituto de Ciências Humanas e Letras, ao Instituto de Química e Geociências e à Faculdade de Educação. O curso de Geografia foi vinculado ao Instituto de Química e Geociências.

No contexto da Reforma Universitária, a Universidade Federal de Goiás adotou, entre os anos de 1969 e 1984, o sistema de créditos, em regime semestral, em substituição ao regime seriado em vigor.

No início dos anos 1980, houve uma série de discussões no interior da Universidade, questionando as implicações da Reforma Universitária na formação dos estudantes. Em 11 de junho de 1982, uma comissão designada pela Portaria n. 525 para “avaliar o regime de créditos da UFG e propor possíveis reformulações” (Relatório da Comissão designada pela Portaria n. 425 – *O Ensino de Graduação – Contribuições para o Debate*. Goiânia, 1996, p.7) apresentou um relatório que apontava a desvantagem do sistema de créditos para a vida universitária.

Em função desses debates e a partir da realização do I Simpósio de Graduação, em 1983, foi implantado o regime seriado em 1984, em substituição ao de créditos. Neste sistema foram introduzidas algumas mudanças em relação ao regime seriado existente antes da Reforma de 1968. Tal implantação deu-se com base em princípios e critérios definidos pelo referido Simpósio e normatizados pela Resolução CCEP 184/83-, enfatizando que “a opção pelo regime seriado justificou-se pela urgência em se resgatar a unidade do curso, organizando as disciplinas em torno de um eixo epistemológico que possibilitasse traçar, com maior clareza, o perfil do profissional, garantindo-lhe uma formação básica”. (A discussão da Licenciatura na UFG - Breve Histórico. *Caderno* n. 1 do Fórum de Licenciatura, 1993 p. 10).

Diante dessa reformulação, o Departamento de Geografia implantou um novo currículo para o curso de graduação, a partir da Resolução 184/CCEP, a Resolução n. 198 de 16/01/ 1984, onde fixou o Currículo Pleno do Curso de Graduação em Geografia com duas então denominadas habilitações: licenciatura e bacharelado, correspondendo a uma opção do estudante, mas podendo ser obtidas sucessivamente, permitindo ao estudante a obtenção de dois diplomas. O currículo da licenciatura propunha-se a formar professores para a escola de 1º e 2º graus, enquanto que o currículo do bacharelado destinava-se à formação de pesquisadores na área.

Esse novo currículo fixava a duração de 4 (quatro) anos para o curso de Licenciatura, com 2.800 horas, e para o curso de Bacharelado a duração de 5 (cinco), com 3.000 horas. A duração para as duas habilitações, Licenciatura e Bacharelado, era de 3.600 horas. O Art. 4º deixa subentender que poderiam ser cursadas simultaneamente. A ênfase do núcleo temático do curso assentava-se no estudo da Natureza e Sociedade, dando a tônica do perfil profissional, que deveria estar “apto a compreender e interpretar de maneira ampla o papel da Geografia na organização espacial e social” (Art. 1º, § 1º e Art. 3º da Resolução 184/CCEP).

Em 28/02/1985, a Resolução n. 233 revogou a Resolução n 198/84-CCEP e a duração dos cursos de Licenciatura e Bacharelado foram alteradas, sendo assim estabelecidas: 4 (quatro) anos com 2.190 horas para a Licenciatura e 4 (quatro) anos com 3.000 horas para o Bacharelado. Criou-se um núcleo comum às duas habilitações durante os três primeiros anos, quando ao final do 3º ano, o estudante poderia optar por uma das duas habilitações. O núcleo temático do curso não foi alterado.

No ano de 1986 foram implementadas, nos campi avançadas das cidades de Catalão e Jataí, turmas específicas do curso de graduação em Geografia (licenciatura e bacharelado), dentre outras, numa política de interiorização da UFG. Tais turmas, com funcionamento predominantemente noturno se vinculavam à matriz curricular do curso de Geografia da sede, no atual IESA (então Departamento de Geografia do posteriormente extinto IQG – Instituto de Química e Geociências), apresentando especificidades administrativas e pedagógicas distintas em cada campus.

Em 30/03/1988, a Resolução n. 275 alterou a Resolução n. 233 em seu Artigo 6º, § 1º, quanto à duração do curso, ficando assim definida: 4 (quatro) anos com 2.824 horas para a Licenciatura e 4 (quatro) anos com 2.888 horas para o Bacharelado.

Em 1992 houve a reforma dos currículos das habilitações Bacharelado e Licenciatura, com a Resolução n. 294/CCEP, os cursos passaram a ter duração de 4 anos e se diferenciavam apenas na última

série. A Resolução n. 326/28/02/92 fixou o Currículo Pleno do Curso de Geografia – Licenciatura e Bacharelado - para os estudantes que ingressassem a partir de 1992, considerando o que dispunha a Resolução n. 294/CCEP. O Parágrafo Único desta Resolução conferia os graus de Licenciado e Bacharel concluintes do curso de Geografia, cuja duração era de 4 (quatro) anos, com 2.660 horas. Esta Resolução instituiu o Estágio Técnico obrigatório para os estudantes do Bacharelado e reduziu as atividades complementares de 200 (duzentos) para 100 (cem) horas.

A segunda metade da década de 1990 foi marcada pela reestruturação administrativa e acadêmica da UFG. De acordo com a Portaria n. 3435, de 04 de dezembro de 1996, os três Institutos básicos – Instituto de Matemática e Física, Instituto de Ciências Humanas e Letras e Instituto de Química e Geociências, foram desmembrados em oito unidades acadêmicas. Foram aprovadas a extinção do IQG (Instituto de Química e Geociências) e a criação dos Institutos de Química (IQ) e do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA). Este foi criado com a expectativa de abrigar cursos afins da temática socioambiental, dentre eles o de Geografia. Foi extinto o Departamento de Geografia e permaneceu o curso de Geografia, único curso deste instituto até o momento.

A partir de avaliações e discussões no interior da UFG, no ano de 2002, em decorrência dos parâmetros curriculares estabelecidos pelo MEC, foram definidas as bases do Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG, resolução CONSUNI n. 06/2002, que propôs inúmeras alterações no regime dos cursos da Universidade, destacando-se a adoção do regime seriado semestral. A mudança adotava conceitos novos, tais como modalidades (bacharelado, licenciatura) e habilitações (entendidas como especializações possíveis já na graduação ao redor de grupamento de disciplinas afins).

Atendendo às exigências do MEC, amparadas na interpretação das Diretrizes Curriculares para o Curso de Geografia, esta nova proposta (2011) extingue as habilitações e faz outros ajustes, como a adequação da matriz curricular para responder às exigências da formação profissional (Resolução CONFEA¹ n. 1010/2005), além de realizar correções nas ementas de várias disciplinas, a fim de evitar os problemas de sobreposição que foram constatados no PPC em vigor.

1.2. Exposição de Motivos

A necessidade de um novo Projeto Pedagógico e da Reforma Curricular é fruto das análises realizadas, tanto por docentes quanto pelos discentes do Instituto de Estudos Socioambientais, desde o primeiro ano de vigência da atual proposta (2005). As discussões informais entre os docentes resultaram, inclusive, em definições mais claras e pertinentes sobre: as demandas científicas e técnicas internas e externas do Instituto; o perfil do profissional que estava se formando e as reais demandas do mercado de trabalho; os objetivos e os conteúdos das disciplinas ministradas e sua articulação epistemológica; as formas de avaliação e as novas abordagens em pesquisas e metodologias de ensino.

Como já exposto anteriormente (ver item 1.1. Histórico do Curso), esta nova proposta de PPC também atende às exigências do MEC, de separação dos projetos pedagógicos dos cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Geografia, e de extinção das habilitações da modalidade Bacharelado. As alterações respondem, ainda, às demandas impostas pela formação profissional, diante do exposto na Resolução CONFEA n. 1010/2005.

Em parte, a necessidade de mudanças resulta das transformações que ocorrem com a Geografia, tanto pelo aprofundamento de metodologias e tecnologias de representação e análise do espaço geográfico (a exemplo das geotecnologias), quanto no que concerne ao seu embasamento teórico e metodológico em nível de pesquisa básica (pelo surgimento de novos campos ou renovação de áreas tradicionais) ou em nível de pesquisa aplicada (como o planejamento e gestão ambiental de espaços em diversas escalas).

As transformações no campo do conhecimento geográfico e no campo da atividade profissional têm colocado desafios à formação não apenas ao geógrafo bacharel, técnico e planejador, como também ao geógrafo professor do ensino básico ou do ensino superior. Para responder a essas mudanças, novos desafios têm sido impostos às instituições formadoras, exigindo estruturas curriculares mais flexíveis, que permitam alterações no seu conteúdo, sempre que necessárias, na busca da atualização permanente.

¹ Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, ao qual está vinculada a atuação profissional do geógrafo, sob registro nos Conselhos Regionais (CREA).

1.3. Diretrizes curriculares

Os dispositivos legais que nortearam a elaboração desta proposta tomaram por base os seguintes documentos:

- **Lei n. 6.664/1979:** disciplina a profissão de geógrafo e dá outras providências;
- **Decreto n. 85138/1980:** regulamenta a Lei 6.664/1979;
- **Lei n. 7.399/1985:** altera a redação da Lei 6.664/1979;
- **Decreto n. 92.9290/1986:** regulamenta a Lei n. 7399/1985;
- **Lei n. 9.394/96:** estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB);
- **Resolução CNE/CES n. 02/2002:** Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial;
- **Parecer CNE/CES n. 492/2001:** estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Geografia;
- **Parecer CNE/CES n. 1.363/2001:** retifica o Parecer CNE/CES n. 492/2001;
- **Parecer CNE/CES n. 15/2005:** esclarece dúvidas quanto à interpretação da Resolução CNE/CP n. 01/2002;
- **Resolução CONSUNI n. 06/2002:** define o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação – RGCG da Universidade Federal de Goiás.
- **Referenciais Curriculares Nacionais – 2010:** define os referenciais curriculares para os cursos de Bacharelado e Licenciatura em todo o país, sistematizando denominações e descritivos (perfil do egresso, temas abordados na formação, ambientes de atuação e infraestrutura recomendada).

2. Objetivos

- Possibilitar a formação de profissionais articulados com os problemas atuais da sociedade e aptos a responderem aos seus anseios com a indispensável competência alicerçada na qualidade e especificidade do desempenho profissional.
- Oferecer uma sólida formação teórica e prática baseada nos conceitos fundamentais da profissão do Bacharel em Geografia que possibilite aos egressos atuarem de forma crítica e inovadora frente aos desafios da sociedade.
- Possibilitar ao bacharelado a aquisição e a construção de conhecimentos e convicções concernentes à ciência geográfica e de habilidades e competências específicas para atuar nos níveis de planejamento ambiental, urbano e regional, na pesquisa e nas atividades técnico-profissionais, assim como para prosseguir estudos em nível de pós-graduação: especialização, mestrado e/ou doutorado acadêmicos.
- Adequar a estrutura curricular ao Regulamento Geral de Cursos da Universidade Federal de Goiás.
- Adequar a estrutura curricular às exigências legais e demandas da formação profissional em Geografia.

3. Princípios Norteadores para a Formação Profissional

3.1. Articulação entre teoria e prática

O processo de formação profissional deve buscar a articulação teoria-prática. As experiências de aprendizagem vivenciadas ao longo da formação devem possibilitar ao graduando perceber que a prática atualiza e interroga a teoria. A sala de aula, as atividades de campo e de laboratório são espaços de investigação que possibilitam ao professor conhecer, refletir e entender os processos individuais e dinâmicos da aprendizagem de seus estudantes, suscitando sempre novos questionamentos, favorecendo a revisão das conclusões iniciais a partir de novas observações e do trabalho com o conhecimento já produzido na área.

Desse modo, a realidade torna-se objeto de conhecimento permanente do licenciado e do bacharel em Geografia durante sua formação. Esse enfoque permite a escolha por métodos de ensino que levem à aprendizagem de conhecimentos geográficos e de modos de sua produção e aplicação pela comunidade específica e pela sociedade em geral.

3.2. Articulação entre ensino e pesquisa

Esse princípio considera o ensino como processo de construção de conhecimento pelo estudante, dando ênfase às atividades de ensino que possibilitem essa construção, passando de uma visão de ensino como mera reprodução da matéria para a de ensino como ajuda pedagógica aos estudantes para que aprendam a pensar com autonomia e a construir novas e mais ricas compreensões do mundo. Está subjacente nesse princípio a ideia de que pesquisa pode ser vista como procedimento de ensino e como atitude de indagação sistemática e planejada dos estudantes, uma autocrítica e um questionamento constante.

Nesse sentido, os questionamentos teóricos, metodológicos e factuais deverão ser prática usual no interior das disciplinas, tanto quanto em atividades de pesquisa decorrentes, tais como as vinculadas à iniciação científica, estágios, eventos e outros.

Portanto, entende-se que ensino e pesquisa não sejam dissociados e permitam ao futuro profissional a aquisição de práticas permanentes e desejáveis de atualização disciplinar e interdisciplinar a partir de suas interfaces com outras ciências, devendo isto ser intelectualmente estimulante para sua formação.

3.3. Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade é uma prática particularmente adequada à formação na área de Geografia, devido às abrangências escalares e processuais dos fenômenos da natureza e da sociedade, bem como de suas interrelações. Por outro lado, isto revela a sua riqueza e permite um exercício de atividades em campos variados de atuação profissional do graduado em Geografia, tanto na área científica, como técnica ou no ensino.

Quando o profissional trabalha com o ensino, ele é formador de mentalidades que vão instituir uma sociedade na busca de justiça e equidade social. Quando atua na área técnica ou científica, tem responsabilidade com o conhecimento da realidade e com os caminhos mais corretos para indicar políticas e ações que levem à solução científica ou técnica dos problemas sociais e ambientais.

Isto requer, na formação do profissional, o desenvolvimento de um espírito aberto ao progresso constante da ciência, em particular da geográfica, de modo que ele possa percorrer, com a tranquilidade necessária, os caminhos das interrelações entre as disciplinas de domínio conexo ou complementar, sem prejuízo de sua especificidade, mas na busca de trocas produtivas.

Assim, diante da complexidade da realidade socioespacial e socioambiental, o profissional formado em Geografia deverá receber o estímulo e a formação necessária para se manter esclarecido e progressivamente capacitado, não só quanto aos seus conhecimentos geográficos, como também quanto aos conhecimentos científicos e técnicos de outras ciências conexas ou complementares, na busca de uma concepção de interfaces ou de aplicação de conhecimentos delas derivados.

Essa concepção está concretizada no elenco de disciplinas ora propostas, nas atividades de estágio e demais atividades extracurriculares possíveis durante a graduação.

3.4. A Formação Ética e a Função Social do Profissional

A formação do bacharel Geografia deve pautar-se numa sólida base humanística, visando um exercício profissional ético e democrático. É importante essa formação para que possa atuar nos espaços de trabalho com responsabilidade e compromisso, atitudes essas mediadas por uma ação autônoma que respeite a pluralidade inerente aos ambientes profissionais e à própria Geografia.

Entre as atitudes postas para alcançar tal propósito, estão os seguintes:

- evidenciar a importante contribuição da Geografia brasileira na luta pela construção de um ambiente equilibrado e uma sociedade mais justa;
- destacar que, diante dos paradigmas emergentes e novas tecnologias, a Geografia está comprometida com a ética e com a solidariedade humanas;
- promover o entendimento de que interpretar a exclusão social é, sobretudo, compreender a exclusão territorial e humana advinda da apropriação e exploração desigual dos recursos da Natureza por uma minoria da Sociedade;
- promover o entendimento de que as comunidades e os grupos humanos têm necessidades e carências e, portanto, os estudos geográficos estão vinculados às formas de organização sócio-espacial que emanam dos lugares, das culturas, dos desejos e subjetividades das populações.

4. Expectativa da Formação Profissional

4.1. Perfil do Curso de Geografia

O curso de Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais oferece as condições necessárias para a compreensão do processo de produção do conhecimento geográfico e para o entendimento dos arranjos e organizações territoriais das sociedades e das populações, como condição essencial à compreensão da atualidade, com vistas ao exercício da cidadania e à inserção do indivíduo na sociedade.

O Instituto de Estudos Socioambientais entende que os níveis de atuação do profissional de Geografia são amplos tanto para o profissional licenciado que atua na área da Educação Básica, quanto para o profissional bacharel que atua em instituições públicas e privadas no âmbito do planejamento e da gestão e suas diversas modalidades.

Norteados pelas Diretrizes Curriculares, os currículos dos cursos de Geografia da UFG (Bacharelado e Licenciatura) adotaram como princípio, a ênfase no raciocínio e na visão crítica do estudante, sendo o professor um sistematizador de ideias e não mais a fonte principal de informações para os estudantes. Neste sentido, os componentes curriculares convergem para um enfoque mais investigativo, procurando definir um equilíbrio entre atividades teóricas e práticas com o objetivo do desenvolvimento crítico-reflexivo dos estudantes.

Além disso, os períodos letivos e os conteúdos curriculares foram organizados de forma a se adequarem às características do Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG, aos interesses e capacidades dos estudantes, bem como para contemplar as características regionais.

Desta forma, o currículo do curso abrange uma sequência de disciplinas e atividades ordenadas por matrículas semestrais, e está estruturado em dois núcleos epistemológicos: o comum, que inclui disciplinas basilares dos conhecimentos geográficos, obrigatórias para todos os discentes; e o específico, que inclui disciplinas obrigatórias que delineiam a identidade profissional do bacharel em Geografia, e disciplinas optativas, que permitem maior flexibilidade ao currículo do discente, para o aprofundamento de estudos em áreas ou temáticas da Geografia.

A estrutura curricular também está organizada em quatro áreas de conhecimento, a saber:

1. Geografia Humana, que inclui as disciplinas da Geografia mais afeitas às ciências humanas e sociais;
2. Geografia Física, que inclui as disciplinas da Geografia mais próximas às ciências naturais;
3. Geomática, que inclui as disciplinas relacionadas ao tratamento gráfico-estatístico e de representação cartográfica;

4. Área Transversal, que inclui as disciplinas responsáveis pela integração dos conhecimentos geográficos e suas aplicações.

Além dessas áreas, também são indicados os seguintes grupos de disciplinas:

1. Específicas do Bacharelado, que inclui disciplinas pertinentes apenas à formação do Bacharel em Geografia, mas disponibilizadas como opcionais para a Licenciatura;
2. Específicas da Licenciatura, que inclui as disciplinas pertinentes apenas à formação do Licenciado em Geografia;
3. Ofertadas pela Faculdade de Letras, que inclui a disciplina de LIBRAS, a Linguagem Brasileira de Sinais, obrigatória para os cursos de Licenciatura.

4.2. Perfil do Profissional em Geografia

A partir dos princípios elencados anteriormente, o perfil do profissional em Geografia deverá contemplar:

- competências e habilidades teóricas e práticas, além de iniciativa e criatividade;
- flexibilidade intelectual, norteada pela sua relação com o contexto cultural, sócio-econômico e político, a partir da inserção na vida da comunidade a que pertence;
- conhecimentos acerca das relações humanas e dos impactos das tecnologias sobre o ambiente e o mundo do trabalho na sociedade contemporânea;
- espírito crítico para perceber, interferir e propor soluções para os problemas prementes colocados pela sociedade e, ao mesmo tempo, ser capaz de adaptar-se de forma responsável e rápida a diferentes situações e funções, apresentadas e exigidas pelo mundo contemporâneo.

Nesse sentido, o currículo pretende desenvolver e expressar, mais especificamente, o seguinte perfil profissional no corpo discente:

- formação pluralista e interdisciplinar, fundamentada em conhecimentos básicos em Geografia, proporcionando a oportunidade de atuação individual ou em equipe, seja no trabalho de investigação científica, seja no trabalho técnico e/ou no ensino de Geografia;
- capacidade de buscar informações geográficas ou de áreas conexas e processá-las no contexto de uma formação continuada;
- capacidade de utilizar, de forma responsável, o conhecimento geográfico, respeitando o direito à vida e ao bem estar dos cidadãos.
- capacidade de compreender os elementos e processos concernentes ao meio natural e ao construído, com base nos fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos da Geografia e a aplicação desse conhecimento na busca do desenvolvimento social e ecológica;
- dominar e aprimorar permanentemente as abordagens científicas pertinentes aos processos de produção e aplicação do conhecimento geográfico.

Particularmente para o bacharel em Geografia, pretende-se que a formação torne o profissional apto a atuar no reconhecimento, levantamento, planejamento e pesquisa nas áreas da Geografia Física e Geografia Humana, considerando o ambiente urbano e rural nas caracterizações das unidades de estudos geográficos em escala nacional, regional e local. Além disso, que possa coordenar ou participar dos trabalhos de:

- delimitação de fronteiras e territórios;
- organização espacial e planejamento urbano, rural e ambiental;
- análise de condições hidrológicas e fluviais;
- caracterização biogeográfica, ecológica e cultural da paisagem;
- avaliação e estudos de impacto ambiental;
- mapeamento e gerenciamento de informações geográficas;

- estudos e pesquisas em climatologia geográfica, em especial sobre clima urbano;
- análise e mapeamento de unidades geomorfológicas e morfopedológicas; e
- análise de dados e produção de informações com base em recursos geotecnológicos.

4.3. Habilidades e Competências do profissional em Geografia

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, o curso de Graduação em Geografia deve proporcionar o desenvolvimento das seguintes habilidades e competências:

Gerais

- Identificar e explicar a dimensão geográfica presente nas diversas manifestações do conhecimento;
- Articular elementos empíricos e conceituais, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais;
- Reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos;
- Planejar e realizar atividades de campo referentes à investigação geográfica;
- Dominar técnicas laboratoriais concernentes à produção e aplicação do conhecimento geográfico;
- Elaborar, propor e executar projetos de pesquisa e executivos no âmbito da área de atuação da Geografia;
- Dominar a língua portuguesa e um idioma estrangeiro no qual seja significativa a produção e a difusão do conhecimento geográfico;
- Trabalhar de maneira integrada e contributiva em equipes multidisciplinares.

Específicas

- a) Identificar, descrever, compreender, analisar e representar os sistemas naturais, a saber:
 - Estabelecer o caráter relacional entre os componentes do ambiente natural e/ou construído e entre os diferentes domínios;
 - Compreender, analisar e explicar a dinâmica e distribuição dos recursos naturais;
 - Identificar, analisar e explicar seu grau de degradação, através da análise de dados e informações sobre os componentes do meio biofísico;
 - Construir modelos de simulação da dinâmica dos domínios naturais e de prognósticos de mudanças naturais e/ou antrópicas nesses domínios;
- b) Identificar, descrever, analisar, compreender e explicar as diferentes práticas e concepções concernentes ao processo de produção do espaço, a saber:
 - Reconhecer as determinações (sociais, econômicas, políticas, culturais, ambientais) presentes e atuantes na produção do espaço;
 - Compreender os vínculos existentes entre a produção do espaço e o processo de reprodução social;
 - Compreender o processo histórico de urbanização-industrialização e o espaço urbano atual.
 - Identificar a questão agrária no conjunto do processo de reprodução social;
- c) Utilizar as linguagens científicas mais adequadas para tratar a informação geográfica, considerando suas características e o problema proposto, a saber:
 - Ler, analisar e interpretar produtos de sensoriamento remoto e de sistemas de informação geográfica, e outros documentos cartográficos e matemático-estatísticos;
 - Tratar a informação geográfica, utilizando procedimentos cartográficos, matemático-estatísticos, de processamento digital de imagem e de sistemas de informação geográficas; Construir documentos cartográficos e matemático-estatísticos, bem como repensar a informação geográfica em linguagem matemático-estatística.

5. Estrutura Curricular

5.1. Matriz Curricular

Cód.	Disciplina	Pré-Requisito	CHT	TEO	PRA	Natureza	Núcleo	Unidade
TR01	Geografia e Sociedade	-	64	64	0	COMP	NC	IESA
TR02	Teoria e Metodologia da Geografia I	-	64	64	0	COMP	NC	IESA
TR03	Teoria e Metodologia da Geografia II	TR02	64	64	0	COMP	NC	IESA
TR04	Geografia de Goiás	GE02, GH02, GF03	64	64	0	COMP	NC	IESA
TR05	Organização do Trabalho Científico	-	64	64	0	COMP	NC	IESA
TR06	Trabalho de Conclusão de Curso I	-	64	32	32	COMP	NC	IESA
TR07	Trabalho de Conclusão de Curso II	TR06	64	0	64	COMP	NC	IESA
GE01	Cartografia I	-	64	32	32	COMP	NC	IESA
GE02	Cartografia II	GE02	64	32	32	COMP	NC	IESA
GE03	Estatística Aplicada à Geografia	-	64	32	32	COMP	NC	IESA
GH01	Geografia da População I	-	64	64	0	COMP	NC	IESA
GH02	Geografia Agrária I	-	64	64	0	COMP	NC	IESA
GH03	Geografia Urbana I	-	64	64	0	COMP	NC	IESA
GH04	Geografia da Indústria	-	64	64	0	COMP	NC	IESA
GH05	Geopolítica e Geografia Política I	-	64	64	0	COMP	NC	IESA
GF01	Astronomia	-	64	64	0	COMP	NC	IESA
GF02	Geologia I	-	64	32	32	COMP	NC	IESA
GF03	Geomorfologia I	-	64	48	16	COMP	NC	IESA
GF04	Pedologia	-	64	48	16	COMP	NC	IESA
GF05	Climatologia I	-	64	32	32	COMP	NC	IESA
GF06	Biogeografia	-	64	48	16	COMP	NC	IESA
	Total do Núcleo Comum	-	1.344	-	-	-	-	-
GE04	Geoprocessamento I	GE01	64	32	32	OBR	NE	IESA
GE05	Sensoriamento Remoto I	GE04	256	32	32	OBR	NE	IESA
GF07	Análise Integrada em Geografia Física	GF03	64	48	16	OBR	NE	IESA
TR08	Prática de Campo em Geografia	GE01, GH02, GF03	64	16	48	OBR	NE	IESA
EB01	Teoria de Planejamento Geográfico	-	64	64	0	OBR	NE	IESA
EB02	Prática de Planejamento Urbano	EB01	64	32	32	OBR	NE	IESA
EB03	Prática de Planejamento Regional	EB01	64	32	32	OBR	NE	IESA
EB04	Prática de Planejamento Ambiental	EB01	64	32	32	OBR	NE	IESA
EB08	Estágio Curricular Supervisionado I	GE04, GF03	64	32	32	OBR	NE	IESA
EB09	Estágio Curricular Supervisionado II	EB08	96	80	16	OBR	NE	IESA
	Total Obrigatório Núcleo Específico	-	864	-	-	-	-	-
GH06	Formação Socioespacial	-	64	64	0	OPT	NE	IESA
GH07	Formação do Território Brasileiro	-	64	64	0	OPT	NE	IESA
GH08	Geografia da População II	GH01	64	64	0	OPT	NE	IESA
GH09	Geografia Agrária II	GH02	64	48	16	OPT	NE	IESA
GH10	Geografia Urbana II	GH03	64	64	0	OPT	NE	IESA
GH11	Geopolítica e Geografia Política II	GH05	64	64	0	OPT	NE	IESA
GH12	Geografia do Turismo	-	64	48	16	OPT	NE	IESA
GH13	Geografia Cultural	-	64	64	0	OPT	NE	IESA
GH14	Geografia Econômica	-	64	64	0	OPT	NE	IESA
GH15	Tópicos em Geografia Humana	-	64	64	0	OPT	NE	IESA
GH07	Geologia II	GF02	64	32	32	OPT	NE	IESA
GH08	Geomorfologia II	GF03	64	48	16	OPT	NE	IESA
GH09	Geomorfologia Aplicada	GF03	64	32	32	OPT	NE	IESA
GF10	Climatologia II	GF05	64	32	32	OPT	NE	IESA
GF11	Análise e Gestão de Bacias Hidrogr.	GF03	64	48	16	OPT	NE	IESA
GF12	Ecologia do Cerrado	GF06	64	48	16	OPT	NE	IESA
GF13	Impactos Ambientais do Uso das Terras	GF03	64	32	32	OPT	NE	IESA
GF14	Instrumentos de Aval. de Impactos Amb.	GF03	64	32	32	OPT	NE	IESA
GF15	Geoecologia e Paisagem	GF06, GF04, GE04	64	48	16	OPT	NE	IESA
GF16	Hidrogeografia	GF03	64	48	16	OPT	NE	IESA

Cód.	Disciplina	Pré-Requisito	CHT	TEO	PRA	Natureza	Núcleo	Unidade
GF17	Pedologia Aplicada à Geografia	GF04	64	48	16	OPT	NE	IESA
GF18	Tópicos em Geologia	GF02	64	48	16	OPT	NE	IESA
GF19	Tópicos em Astronomia	GF01	64	48	16	OPT	NE	IESA
GE06	Geoprocessamento II	GE04	64	16	48	OPT	NE	IESA
GE07	Sensoriamento Remoto II	GE05	64	16	48	OPT	NE	IESA
GE08	Topografia	GE06	64	32	32	OPT	NE	IESA
TR09	Tópicos em Geografia Regional	-	64	64	0	OPT	NE	IESA
EL00	Educação Ambiental	-	64	48	16	OPT	NE	IESA
	Total Optativo Núcleo Específico	-	1.792	-	-	-	-	-
NL01	Núcleo Livre 1	-	64	-	-	OPT	NL	-
NL02	Núcleo Livre 2	-	64	-	-	OPT	NL	-
	Total Núcleo Livre	-	128	-	-	-	-	-

Glossário:

GE = Geomática e Estatística
 GF = Geografia Física
 GH = Geografia Humana
 EB = Específica do Bacharelado
 EL = Específica da Licenciatura
 TR = Transversal
 FE = Faculdade de Educação
 FL = Faculdade de Letras

CHT = Carga Horária Total
 TEO = Carga Horária Teórica
 PRA = Carga Horária Prática
 COMP = Compulsória
 OBR = Obrigatória
 OPT = Optativa
 NC = Núcleo Comum
 NE = Núcleo Específico
 NL = Núcleo Livre

5.2. Quadro-Síntese das Cargas Horárias

NATUREZA	CH	%
Núcleo Comum (NC)	1.344	41,48
Núcleo Específico (NE) - Total	2.656	-
Núcleo Específico (NE) - Obrigatório	864	26,67
Núcleo Específico (NE) - Optativo Total	1.792	-
Núcleo Específico (NE) - Optativo Mínimo	640	19,75
Núcleo Livre (NL) - Mínimo	192	5,93
Atividades Complementares (AC)	200	6,17
CH TOTAL (NC+NE+NL+AC)	3.240	100,00

5.3. Elenco de disciplinas

5.3.1. Disciplinas do Núcleo Comum

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
Área: TRANSVERSAL	
<p>Geografia e Sociedade (64h)</p> <p>A Geografia como ciência e a produção do conhecimento científico. Noções introdutórias das categorias e conceitos geográficos. A Geografia escolar e a geografia acadêmica. As áreas de atuação do profissional em Geografia: Licenciatura e Bacharelado. Ética profissional e acadêmica.</p>	<p>PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lydia; CACETE, Núria. Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2007.</p> <p>CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e construção de conhecimentos. Campinas-SP: Papirus, 2000.</p> <p>CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de e outros. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.</p> <p>CALLAI, Helena C. A formação do profissional da Geografia. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 1999.</p> <p>GOMES, Paulo Cesar da Costa Gomes. Geografia fin-de-siècle: Os discursos sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias de Castro e outros. Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.</p>
<p>Teoria e Metodologia da Geografia I (64h)</p> <p>Os elementos do conhecimento científico na produção do conhecimento geográfico. O saber geográfico na Antiguidade Clássica, na Idade Média e no Renascimento. A institucionalização da Geografia como ciência no século XIX. Estudo das influências filosóficas nas concepções de teoria, método e objeto de estudo na Geografia Clássica e na Nova Geografia.</p>	<p>ANDRADE, Manoel Correia. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da geografia. 2. ed. São Paulo: Difel, 1985.</p> <p>CLAVAL, Paul. História da geografia. Lisboa: Edições 70, 2007.</p> <p>GOMES, Paulo César da C. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.</p> <p>GREGORY, K. J. A natureza da geografia física. Trad. Eduardo de Almeida Navarro. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.</p> <p>JOHNSTON, R. J. Geografia e geógrafos. Tradução Osvaldo Bueno Amorim Filho. São Paulo: Difel, 1986.</p> <p>SODRÉ, Nelson W. Introdução à geografia: geografia e ideologia. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.</p>
<p>Teoria e Metodologia da Geografia II (64h)</p> <p>Estudo dos processos de construção filosófica das teorias e dos métodos que influenciam as ciências naturais e humanas com vistas ao conhecimento das bases epistemológicas da Geografia Física e da Geografia Humana. As implicações filosóficas nas diferentes concepções de teoria, de método e de objeto da ciência geográfica contemporânea.</p>	<p>BERTRAND, Georges e Claude. Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Massoni, 2007.</p> <p>CASTRO, Iná E. de.; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.</p> <p>QUAINI, Maximo. Marxismo e geografia. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.</p> <p>SANTOS, Milton. Por uma geografia nova. São Paulo: Hucitec, 1978.</p> <p>SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.</p> <p>SOJA, Edward. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.</p>
<p>Geografia de Goiás (64h)</p> <p>Influência do meio físico no processo de ocupação territorial. Formação territorial. Relações entre economia, urbanização e rede urbana. Industrialização, logística e globalização. Metropolização. Desigualdades regionais e desenvolvimento urbano e regional.</p>	<p>ARRAIS, T. Alencar. Geografia contemporânea de Goiás. Goiânia: Nova Editora, 2004.</p> <p>FAISSOL, Speridião. O Mato Grosso de Goiás. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.</p> <p>GOMES, H., TEIXEIRA, N. & BARBOSA, A. S. Geografia – Goiás-Tocantins. Goiânia: Editora UFG, 2004.</p> <p>WAIBEL, Leo. Capítulos de geografia tropical e do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.</p> <p>BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA. Várias edições. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg>.</p> <p>ATELIE GEOGRÁFICO. Várias edições. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie>.</p>

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>Organização do Trabalho Científico (64h) Tipos de conhecimento e problematização em ciência. Dados e informações. Concepções de ciência e de produção do saber científico. Organização e apresentação de trabalhos acadêmico-científicos. Resenha, resumo, fichamento, artigo, mapa conceitual. Normatização da ABNT para trabalhos acadêmicos.</p>	<p>ALVES, Rubens. Filosofia da ciência. Introdução ao jogo e suas regras 12.ed. São Paulo: Loyola, 2000. (Série Leituras Filosóficas). DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000. LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999. RUIZ, João. Metodologia Científica. 5.ed. São paulo: Atlas, 2002.</p>
<p>Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) I (64h) Elaboração e apresentação de projeto de pesquisa: identificação do problema; revisão bibliográfica; problematização; delimitação do tema; formulação de hipóteses; estabelecimento de objetivos; seleção de variáveis; elaboração de cronograma; redação e formato de apresentação (ABNT). Execução de pesquisa: coleta e tratamento de dados. Análise e interpretação. Elaboração de relatório, artigo, painel e comunicação oral.</p>	<p>FAENDA, Ivani et al. (Org.) <i>Metodologia da pesquisa educacional</i>. São Paulo, Cortez, 1997. GIL, Antônio Carlos. <i>Como elaborar projetos de pesquisa</i>. São Paulo, Atlas, 1996. MINAYO, Maria Cecília (org.). <i>Pesquisa social: teoria, método e criatividade</i>. Petrópolis, Vozes, 1994. SEVERINO, A. J. <i>Metodologia do trabalho científico</i>. São Paulo, Cortez, 2000.</p>
<p>Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II (64h) Desenvolvimento e conclusão da pesquisa iniciada na disciplina TCC I. Apresentação dos resultados na forma de artigo científico, submetido para publicação, ou monografia acadêmica, com defesa pública diante de banca examinadora.</p>	<p>GIL, Antônio Carlos. <i>Como elaborar projetos de Pesquisa</i>. São Paulo: Atlas, 1996. MINAYO, Maria Cecília (org.). <i>Pesquisa social: teoria, método e criatividade</i>. Petrópolis: Vozes, 1994. SEVERINO, A. J. <i>Metodologia do Trabalho Científico</i>. São Paulo: Cortez, 2000.</p>
Área: GEOMÁTICA E ESTATÍSTICA	
<p>Cartografia I (64h) Histórico da Cartografia. Elementos básicos das representações cartográficas: escala; orientação; redes e coordenadas geográficas; projeções. Sistema de projeção UTM e coordenadas planas. Cartas planialtimétricas: articulação, análise e aplicações.</p>	<p>DUARTE, P. A. Fundamentos de cartografia. Florianópolis: ed. da UFSC, 1994. FITZ, P. R. Cartografia Básica. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. 143 p. IBGE. Manuais Técnicos em Geociências: Noções básicas de cartografia, n. 08. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. OLIVEIRA, C. Curso de cartografia moderna. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1988.</p>
<p>Cartografia II (64h) Especificidades da linguagem cartográfica: comunicação visual e representação gráfica. Semiologia Gráfica: análise da informação e representações cartográficas qualitativas e quantitativas. Métodos de construção e análise de mapas temáticos analíticos, dinâmicos e de síntese. Cartografia digital.</p>	<p>DUARTE, Paulo Araújo. Cartografia temática. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991. JOLY, Fernand. A cartografia. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1990. MARTINELLI, Marcello. Cartografia temática: caderno de mapas. São Paulo: Edusp, 2003. MARTINELLI, Marcello. Curso de cartografia temática. São Paulo: Contexto, 1991. MARTINELLI, Marcello. Gráficos e mapas: construa-os você mesmo. São Paulo: Moderna, 1998. TEIXEIRA NETO, Antônio. Haverá, também, uma semiologia gráfica? Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, 4/5/6(1/2): 13-54, jan./dez. 1984/85/86.</p>
<p>Estatística Aplicada à Geografia (64h) Noções gerais de estatística e de cálculo. Aplicações da estatística. Métodos estatísticos. Análise estatística. Representação e interpretação estatística. Métodos descritivos e inferenciais; testes de hipóteses e modelos de regressão linear.</p>	<p>BARBETA, Pedro Alberto. Estatística Aplicada às Ciências Sociais. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. 315p. GERARDI, L. H. O.; SILVA, B. C. N. Quantificação em Geografia. São Paulo: Difel, 1981. 161 p. LEVIN, J. Estatística aplicada às ciências humanas. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1987.</p>
Área: GEOGRAFIA HUMANA	

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>Geografia da População I (64h)</p> <p>Origem dos estudos de população. O seu campo estrutural, qualitativo e propositivo. Dinâmica, estrutura e mobilidade da população. As suas principais categorias e suas filiações teóricas. As ideologias e a evolução desses estudos. O perfil demográfico do mundo, do Brasil e de Goiás. Elementos da pesquisa demográfica.</p>	<p>ALEGRE, Marcos. Estrutura da população brasileira. Presidente Prudente: Unesp/FCT, 2002.</p> <p>BEUJEU-GARNIER, Jacqueline. Geografia da População. São Paulo: Editora Nacional, 1980 [1978]</p> <p>DAMIANI, A. População e Geografia. São Paulo: Contexto, 1998.</p> <p>HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.</p> <p>MARTINS, José de S. Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis: Vozes, 1986</p> <p>PASTORAL DOS MIGRANTES et al. O Fenômeno Migratório no limiar do terceiro milênio: Desafios Pastorais. Petrópolis: Vozes, 1998</p> <p>PATARRA, N. L. et al. (org.) Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993. Campinas: UNICAMP, 1997</p> <p>POVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (org). Cruzando Fronteiras Disciplinares. Rio de Janeiro: Revan, 2005.</p>
<p>Geografia Agrária I (64h)</p> <p>Bases conceituais para análise do espaço agrário. Agentes sociais estruturadores. Ciência e técnica na formação da paisagem rural. Natureza e espaço agrário. Infraestrutura, produção, circulação, mercado e comercialização de produtos agropecuários. Relação campo-cidade.</p>	<p>ABRAMOVAY, Ricardo. <i>Paradigmas do capitalismo agrário em questão</i>. São Paulo: Hucitec, 1992.</p> <p>GRAZIANO NETO, F. <i>Questão Agrária e Ecologia. Crítica da moderna agricultura</i>. São Paulo: Brasiliense, 1986.</p> <p>MOREIRA, Ruy. <i>Formação do espaço agrário brasileiro</i>. São Paulo: Brasiliense, 1990.</p> <p>OLIVEIRA, A. Umbelino. <i>Modo capitalista de produção e agricultura</i>. São Paulo: Ática, 1996.</p>
<p>Geografia Urbana I (64h)</p> <p>O campo de estudo da geografia urbana. Morfologia, sítio e posição. Ecologia urbana. Sistemas urbanos e funções urbanas. Questão urbana. Processos espaciais. Segregação espacial e agentes produtores do espaço urbano.</p>	<p>CARLOS, Ana Fani A. <i>A (re)produção do espaço urbano</i>. São Paulo: EDUSP, 1994.</p> <p>CAVALCANTI, Lana de Souza (org.) <i>Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia</i>. Goiânia: Alternativa, 2001.</p> <p>CORRÊA, R. Lobato. <i>O espaço urbano</i>. São Paulo: Ática, 1995.</p> <p>ROSS, Jurandir Sanches. <i>Geografia do Brasil</i>. São Paulo: Edusp, 1995.</p> <p>SOUZA, Marcelo Lopes de. <i>ABC do desenvolvimento urbano</i>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003</p> <p>Silveira, Rogério Leandro Lima da. <i>Cidade, Corporação e Periferia Urbana</i>. Santa Cruz do Sul-RS: Edunisc, 2003</p> <p>SPOSITO, Maria Encarnação B. <i>Capitalismo e urbanização</i>. São Paulo: Contexto, 1988.</p>
<p>Geografia da Indústria (64h)</p> <p>A indústria como elemento do espaço. Evolução histórica da atividade industrial: revoluções industriais. Fatores e teorias locacionais. Organização do processo produtivo: Fordismo, Taylorismo, produção e acumulação flexíveis. Territórios da produção flexível. Espaços produtivos de alta tecnologia (tecnopólos). Distritos industriais. Espaços industriais no território brasileiro.</p>	<p>ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Bom tempo, 2001.</p> <p>BENKO, Georges. Economia, Espaço e Globalização: na aurora do século XXI. São Paulo: Hucitec, 1996.</p> <p>HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.</p> <p>LANDES, D. Prometeu descorrentado. São Paulo: Nova Fronteira, 1994.</p> <p>MANZAGOL, Claude. Lógica do Espaço Industrial. São Paulo: Difel, 1985.</p> <p>SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.</p>
<p>Geopolítica e Geografia Política I (64h)</p> <p>Introdução ao estudo dos Clássicos da Geopolítica. Fundamentação da Geografia Política. Origens e a evolução da Geopolítica e da Geografia Política. Relações entre espaço, poder e território. Fronteiras territoriais. Guerra e paz segundo a geopolítica.</p>	<p>LACOSTE, Yves. <i>Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra</i>. Campinas-SP: Papius, 1988.</p> <p>RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993</p> <p>CASTRO, Iná Elias. <i>Geografia e Política</i>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005</p> <p>CASTRO, Therezinha de. Geopolítica, princípios, meios e fins. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999.</p> <p>COSTA, Wanderley M. da. Geografia Política e Geopolítica. São</p>

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
	Paulo: Edusp, 1992. FONT, Joan Nogueé; RUI, Joan Vicente. Geopolítica identidade e Globalização. São Paulo: Annablume, 2006.
Área: GEOGRAFIA FÍSICA	
<p>Astronomia (64h)</p> <p>Formação e características do Universo. O sistema solar. Os corpos celestes e sua influência em relação à Terra. Bases astronômicas para a Geologia (origem e formação da Terra), a Climatologia (forma e movimentos da Terra e a sazonalidade climática) e a Cartografia (determinação de latitudes e longitudes; fusos horários).</p>	<p>CHIQUETTO, Marcos. Breve historia da medida do tempo. São Paulo.: Scipione, 1996. 55p.</p> <p>FARIA, Romildo Pova. Fundamentos de astronomia. 3. ed. Campinas: Papirus, 1987. 209p.</p> <p>LABOURIAU, Maria L. S. Historia Ecológica da Terra (3a reimpressão 2001). São Paulo: Ed Blucher , 1994, 307 p. , capitulo 7 (p.196 a 222)</p> <p>HARRISON, Edward Robert. A escuridão da noite: um enigma do universo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, tradução de Maria Luiza X. de A. Borges 1995. 324 p.</p> <p>HAWKING, Stephen. <i>O universo numa casca de noz</i>. Ed. ARX, São Paulo, 2002.</p> <p>MOURÃO, Ronaldo Rogerio de Freitas. Explicando o cosmos: astronomia ao seu alcance. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1985?], c1984. 109p.</p> <p>STRATHERN, Paul. Hawking e os buracos negros em 90 minutos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 87p.</p> <p>VARELLA, Paulo Gomes. Reconhecimento do céu. Brasília: Edunb, 1993.</p>
<p>Geologia I (64h)</p> <p>Terra: estrutura e composição interna, dinâmica interna (magma, vulcanismo, plutonismo, terremotos, epirogênese, orogênese). Tectônica de placas. Tempo geológico. Minerais e rochas.</p>	<p>LEINZ, V.; AMARAL, S. E. Geologia Geral. 8.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1981.</p> <p>POPP, S. H. Geologia geral. 4. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1987.</p> <p>SUGUIO, K. Rochas sedimentares. São Paulo: Edgard Blucher, 1994.</p> <p>TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M. de; FAIRCHILD, T. R.; TAIOLI, F. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.</p>
<p>Climatologia I (64h)</p> <p>Os fundamentos meteorológicos e o comportamento da atmosfera. Constituintes atmosféricos e a dinâmica do ar. A atmosfera em movimento. Radiação, temperatura, umidade e pressão. Perturbações atmosféricas. Evaporação, evapotranspiração e balanço hídrico.</p>	<p>AYOADE, J. O. Introdução à climatologia para os trópicos. 2. ed. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1988.</p> <p>MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. Climatologia noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos. 206 p. 2007.</p> <p>MONTEIRO, C. A.. F. & MENDONÇA, F. Clima urbano. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>VAREJÃO-SILVA, Mario A. Meteorologia e Climatologia. Brasília: INMET, Gráfica e Editora Estilo, 2000.</p>
<p>Geomorfologia I (64h)</p> <p>Natureza, objeto, objetivos e especialidades da Geomorfologia. As grandes teorias geomorfológicas. Fatores de formação do relevo terrestre. Processos endógenos e exógenos de elaboração do relevo e sua dinâmica. As grandes unidades estruturais e esculturais do relevo terrestre. Evolução dos tipos de relevos. A questão da escala nos estudos geomorfológicos. Os níveis metodológicos em Geomorfologia: compartimentação geomorfológica, estrutura superficial e fisiologia do relevo. Morfologia, morfografia e morfometria dos modelados de dissecação e de acumulação.</p>	<p>CASSETI, V. Geomorfologia. [S.l.]: [2005]. Disponível em: <http://www.funape.org.br/geomorfologia/>. Acesso em: 05/07/2010.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blücher, 1980.</p> <p>GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.</p> <p>PENTEADO, M.M. Fundamentos de Geomorfologia. Rio de Janeiro: IBGE, 1974.</p> <p>CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.</p>
<p>Pedologia (64h)</p> <p>Finalidades do estudo dos solos. Fatores de formação do solo. Constituição/composição dos solos. Classificação de solos. Funções e comportamento do solo. Solos e paisagens. Uso/ocupação dos solos: levantamentos; mapeamentos; importância dos estudos em bacias hidrográficas. Conservação de solos. Solos do Brasil. Solos do Cerrado.</p>	<p>IBGE. Manual Técnico de Pedologia. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/documentos/recursosnaturais/pedologia/manual_tecnico_pedologia.pdf></p> <p>LEPSCH, I. F. Formação e conservação dos solos. São Paulo: Of. de Textos, 2002.</p> <p>PRADO, H. Solos do Brasil: gênese, morfologia, classificação e levantamento. 3 ed. Piracicaba, 2003.</p> <p>RESENDE, M. et al. Pedologia: base para distinção de ambientes. 4</p>

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
	ed. Viçosa: NEPUT, 2002.
<p>Biogeografia (64h)</p> <p>Noções gerais de Biogeografia. Biogeografia do Brasil. Formação biótica do espaço brasileiro. Biogeografia histórica do Brasil. As grandes formações florísticas brasileiras. Biogeografia do Cerrado. Estudo das paisagens antropizadas no Bioma Cerrado</p>	<p>AB'SABER, A. N. Teoria dos Refúgios. Revista de Estudos Avançados/USP. São Paulo, mai/jun. v. 6, n. 15, 1992.</p> <p>DANSEREAU, P. Introdução à Biogeografia. Boletim Geográfico n. 148 e 151. IBGE. Ano XVII - junho, agosto. 1959.</p> <p>GUERRA, A. J. T.; CUNHA, Sandra Baptista da. Geomorfologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996</p> <p>ODUM, Eugene. Ecologia. Rio de Janeiro: Interamericana, 1985. p. 349-365.</p> <p>RIZZINI, C. T.. Tratado de Fitogeografia do Brasil – Aspectos ecológicos. São Paulo: Hucitec/Ed.USP, 1976. 1. vol. 327 p.</p> <p>SALGADO-LABORIAU, M.L. 2001. História Ecológica da Terra. Rio de Janeiro: Edgard Blucher, 2004.</p> <p>TROPPEMAYER, Helmut. Biogeografia e Meio Ambiente. Rio Claro-SP: Ed. UNESP, 2004.</p>

5.3.2. Disciplinas do Núcleo Específico – Obrigatórias

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
Área: GEOMÁTICA	
<p>Geoprocessamento I (64h)</p> <p>Conceitos e aplicações de geoprocessamento. Estrutura de Sistemas de Informações Geográficas (SIG). Dados vetoriais e dados matriciais. Banco de dados georreferenciados. Sistema de Posicionamento Global (GPS). Manuseio de bases digitais.</p>	<p>ASSAD, E. D.; SANO, E. E. Sistema de informações geográficas: aplicações na agricultura. 2. ed. rev. e ampl.. Brasília: Embrapa-CPAC, 1998. 434 p.</p> <p>LONGLEY, P. A.; GOODCHILD, M. F.; MAGUIRE, D. J.; RHIND, D. W. Geographic Information System and Science. 2nd edition, England: Wiley, 2005. 517 p.</p> <p>ROSA, R.; BRITO, J. L. S. Introdução ao Geoprocessamento: sistema de informação geográfica. Uberlândia: UFU, 1996. 104 p.</p> <p>XAVIER DA SILVA, J.; ZAIDAN, R. T. Geoprocessamento e Análise Ambiental: aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 3^a edição, 2009. 363 p.</p>
<p>Sensoriamento Remoto I (64h)</p> <p>Princípios físicos do sensoriamento remoto e da aerofotogrametria. Aquisição e uso de fotos aéreas e imagens orbitais. Principais sistemas sensores, suas características e aplicações no monitoramento da superfície terrestre. Realce espectral e espacial de imagens, transformações lineares e não-lineares, classificações supervisionadas e não-supervisionadas de imagens multiespectrais.</p>	<p>MENESES, P. R.; MADEIRA NETTO, J. S. (Org.). Sensoriamento remoto: reflectância dos alvos naturais. 1. ed. Brasília: Editora UnB, 2001. v. 1. 262 p.</p> <p>MOREIRA, Maurício Alves. Fundamentos do Sensoriamento Remoto e Metodologia de Aplicação. 4^a Edição. Editora UFV, 2011.</p> <p>NOVO, E. M. L. Sensoriamento remoto: Princípios e aplicações. 3. ed. São Paulo: Edgard Blucher Ltda., 2008.</p> <p>ROSA, Roberto. Introdução ao sensoriamento remoto. 5. ed. Uberlândia-MG: Edufu, 2003. 228 p.</p>
Área: TRANSVERSAL	
<p>Prática de Campo em Geografia (64h)</p> <p>Trabalho de campo em Geografia Humana e trabalho de campo em Geografia Física: abordagens, métodos e procedimentos. Ética e responsabilidade social no trabalho de campo. Prática de campo: preparação e reconhecimento; execução da atividade de campo; elaboração de resultados.</p>	<p>CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Os caminhos da pesquisa de campo em geografia. Geosp, Espaço e Tempo. Revista de Pós Graduação em Geografia, São Paulo, n. 1, p. 93-97, 1997.</p> <p>KAISER, Bernard. O geógrafo e a pesquisa de campo. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, p. 93-104, 2006.</p> <p>LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, p. 07-24, 2006.</p> <p>MARCO, Valéria de. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, p. 105-136, 2006.</p> <p>OLIVEIRA, Ivanilton J.; MARTINELLI, Marcello. O uso dos mapas no trabalho de campo em Geografia Física. Geografia (Rio Claro), Rio Claro-SP, AGETEO, v.32, n.1, abr. 2007, p. 163-179.</p> <p>SERPA, Ângelo. Trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n.</p>

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
	<p>84, p. 07-24, 2006.</p> <p>SILVA, Flávia Elaine da. Aproximar sem reduzir: as derivas e a pesquisa de campo em geografia urbana. Geosp, Espaço e Tempo. São Paulo, n. 15, p. 139-149, 2004.</p> <p>VENTURI, Luis A. B. (org.). Praticando a Geografia. Técnicas de Campo e de Laboratório. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.</p>
Área: ESPECÍFICA DO BACHARELADO	
<p>Teoria de Planejamento Geográfico (64h)</p> <p>Principais concepções políticas de organização da sociedade. Políticas públicas na produção do espaço geográfico. Esferas do poder público e suas políticas territoriais. Planejamento e participação popular. A ação do Estado e os interesses privados. Tipologias de planejamento geográfico: urbano, regional, ambiental.</p>	<p>CARVALHO, Horácio. <i>Introdução à Teoria do Planejamento</i>. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Brasiliense, 1978.</p> <p>CHOLEY Y HAGGET. <i>Modelos sócio-econômicos em Geografia</i>. São Paulo: Ed. da USP, 1975.</p> <p>LAFER, Betty M. <i>Planejamento no Brasil</i>. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1975.</p>
<p>Prática de Planejamento Urbano (64h)</p> <p>Planejamento territorial de espaços urbanos. Escalas de planejamento urbano: planejamento setorial, integrado e estratégico. Legislação urbanística: controle do uso, parcelamento e ocupação do solo urbano. Prática I: elaboração de plano diretor urbano. Prática II: elaboração de relatório de impacto de vizinhança.</p>	<p>CASTELLS, M. <i>A sociedade em redes</i>. São Paulo: São Paulo: Paz e terra, 1999.</p> <p>CAVALCANTI, L. S. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. In Geografia da Cidade: a produção do espaço urbano em Goiânia. Alternativa, Goiânia, 2001.</p> <p>CORREA, Roberto Lobato. <i>A Rede Urbana</i>. São Paulo: Ed. Ática, 1989.</p> <p>CORREA, Roberto Lobato. <i>O Espaço Urbano</i>. São Paulo: Ed. Ática, 1989.</p> <p>DE GRAZIA, Grazia. <i>Plano Diretor: instrumento de Reforma Urbana</i>. Rio de Janeiro: Ed. FSE, 1990.</p> <p>DOMINGUES, J. M. <i>Sociologia e modernidade: para entender a sociedade contemporânea</i>, Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1999.</p> <p>DOWBOR, Ladislau. <i>Introdução ao Planejamento Municipal</i>. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.</p> <p>OLIVEIRA, Dauraci de S. <i>Planejamento Municipal</i>. Rio de Janeiro: IBAM.</p>
<p>Prática de Planejamento Regional (64h)</p> <p>Planejamento territorial em âmbito regional. Planos, programas e projetos de desenvolvimento regional e seus reflexos na organização territorial. Prática I: elaboração de zoneamento agroecológico. Prática II: elaboração de plano de desenvolvimento integrado regional.</p>	<p>ANDRADE, M. C. de. Geografia econômica. São Paulo: Atlas, 1981.</p> <p>BENKO, G. Organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX. In M. Santos; M. A. A. de Souza; M. L. Silveira. Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.</p> <p>CORREA, Roberto Lobato. <i>Região e Organização Espacial</i>. São Paulo: Ed. Ática, 1987.</p> <p>OLIVEN, Ruben George. <i>Urbanização e Mudança Social no Brasil</i>. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980.</p> <p>SANTOS, Milton. <i>A urbanização desigual</i>. Petrópolis: Ed. VOZES, 1982.</p> <p>SANTOS, Milton. <i>O espaço do cidadão</i>. São Paulo: Ed. NOBEL, 1987.</p>
<p>Prática de Planejamento Ambiental (64h)</p> <p>Planos, programas e projetos ambientais. Legislação ambiental. Noções de sustentabilidade ambiental. Tipologias de planejamento ambiental. Instrumentos de avaliação de impactos ambientais (AIA). Prática I: elaboração de projeto ou plano ambiental. Prática II: elaboração de avaliação ambiental.</p>	<p>CUNHA, Sandra Baptista; GUERRA, Antônio José Teixeira (Org.) Avaliação e Perícia ambiental. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.</p> <p>DREW, David. Processos interativos homem-meio ambiente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.</p> <p>GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Os (Des)caminhos do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 1998.</p> <p>ROCCO, Rogério. Legislação Brasileira do meio Ambiente. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 283p.</p> <p>SANTOS, Rosely Ferreira. Planejamento ambiental: teoria e prática. Campinas-SP: Oficina de Textos, 2004.</p> <p>TACHIZAWA, Takeshy; BERNARDES, R. O.; CARVALHO, A. B. Gestão Ambiental. São Paulo: M. Books, 2000.</p>

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
	TAUK, Sâmia Maria (org.). Análise ambiental: uma visão multidisciplinar. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
Estágio Curricular Supervisionado I – Bacharelado (64h) Análise da legislação relativa à atuação profissional do geógrafo. Desenvolvimento de atividades de estágio em laboratórios do IESA. Contato com instituições conveniadas no campo de trabalho do geógrafo. Elaboração de proposta de estágio.	CALLAI, H. C. A formação do profissional de Geografia. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999. Decreto n. 85138/1980. Decreto n. 92.9290/1986. Lei n. 6.664 de 26 de junho de 1979. Lei n. 7.399/1985. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008 (Lei do Estágio). Parecer CNE/CES n. 492, de 03/04/2001.
Estágio Curricular Supervisionado II – Bacharelado (256h) Desenvolvimento do estágio em instituição conveniada, relacionada ao trabalho do geógrafo. Elaboração de relatório.	Decreto n. 85138/1980. Decreto n. 92.9290/1986. Lei n. 6.664 de 26 de junho de 1979. Lei n. 7.399/1985. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008 (Lei do Estágio). Parecer CNE/CES n. 492, de 03/04/2001.

5.3.3. Disciplinas do Núcleo Específico – Optativas

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
Área: GEOGRAFIA HUMANA	
Formação Socioespacial (64h) Espaço e tempo na evolução diferencial das sociedades. O processo adaptativo do seu humano e a Geografia. O trabalho e a técnica na evolução das forças produtivas. A formação socioespacial como categoria. As formações socioespaciais na antiguidade clássica, no modo de produção asiático, no feudalismo e no capitalismo. Modernização e as formações socioespaciais contemporâneas.	ANDERSON, Perry. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. São Paulo: Brasiliense, 1986. BRAUDEL, Fernand. A dinâmica do capitalismo. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. MARX, Karl. Formações econômicas pré-capitalistas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. SANTOS, M. Espaço e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1979. WALDMAN, Maurício. Espaço e modo de produção asiático. Boletim Paulista de Geografia. N 1º. 72, 1994, p. 29-62.
Formação do Território Brasileiro (64h) As formações indígenas e a ocupação colonial. As formas de trabalho, a migração e suas consequências para a formação do território nacional. As fases da formação territorial brasileira, os agentes da produção do espaço e a divisão territorial industrial do trabalho nos séculos XX e XXI.	AZEVEDO, Aroldo de. Vilas e Cidades do Brasil Colonial. <i>Terra Livre</i> , n. 10. Rio de Janeiro, AGB, 1994. ABREU, Maurice de Almeida. A apropriação do território do Brasil colonial. In: CASTRO, Iná Elias et al (Orgs). <i>Explorações Geográficas</i> , Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993. BECKER, Berta K et al. <i>Uma nova Potência Regional na Economia-Mundo</i> . Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993. CANO, Wilson. Reflexões sobre o Brasil e a nova (des)ordem internacional. Campinas, Unicamp, 1995. MORAES; Antonio Carlos Robert. <i>Território e história no Brasil</i> . São Paulo, Hucitec, 2002. ROSS, Jurandir L. Sanches (org). Geografia do Brasil. São Paulo, Edusp, 1996. SILVA, Lígia Osório. <i>Terras Devolutas e Latifúndios: Efeitos da lei de 1950</i> . Campinas, Unicamp, 1999.
Geografia da População II (64h) Etnodemografia. Longevidade e cadeia etária. Envelhecimento da população. Família. Engenharia genética e processos de fecundação e reprodução. Pesquisas demográficas e movimento social. População e meio ambiente.	BRETON, Roland J.-L. <i>Geografia da civilizações</i> . Trad. de Lólio de Oliveira. Série Fundamentos (nº 60). São Paulo, Ática, 1990. OLIVEIRA, Maria Coleta e PINTO, Luzia Guedes. "Exclusão social e demografia: elementos para uma agenda", In: OLIVEIRA, Maria Coleta (org.), <i>Demografia da exclusão social – temas e abordagens</i> . Campinas, Ed. da UNICAMP, 2001. SANT'ANNA, Maria Rúbia. <i>O Velho no Espelho: Um cidadão que envelheceu</i> . Florianópolis, ed. da UFSC, 2000. SILVA, Sidney, A. "Hispano-americanos no Brasil: Entre a cidadania

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
	<p>sonhada e a concedida”, In: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD): <i>Migrações internacionais – contribuições para políticas</i>. Brasília, CNPD, 2001.</p> <p>STURZA, Eliana Rosa. “Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras”, In: <i>Revista Ciência e Cultura</i>, v. 57. n. 2, São Paulo, abr-jun 2005.</p> <p>VERAS, Renato e Alves, Maria Isabel C. “A população idosa no Brasil. Considerações acerca do uso de indicadores de saúde”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). <i>Os muitos Brasis: Saúde e população na década de 80</i>. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.</p> <p>YUNES, João. “Epidemiologia da violência”, In: OLIVEIRA, Maria Coleta (org.), <i>Demografia da exclusão social – temas e abordagens</i>. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2001.</p>
<p>Geografia Agrária II (64h)</p> <p>Questão agrária, expansão da fronteira, movimentos sociais e conflitos no campo. Políticas públicas e movimentos sociais no campo. Reforma agrária: projetos oficiais e movimentos sociais. Fontes de pesquisa em Geografia Agrária.</p>	<p>MARTINS, José S. <i>Reforma Agrária – o impossível diálogo</i>. São Paulo: EDUSP, 2000.</p> <p>OLIVEIRA, A. Umbelino. <i>A agricultura camponesa no Brasil</i>. São Paulo: Contexto, 2001.</p> <p>SILVA, José Graziano da. <i>A nova dinâmica da agricultura brasileira</i>. São Paulo: UNICAMP, 1998.</p>
<p>Geografia Urbana II (64h)</p> <p>Urbanização e metropolização. Mobilidade urbana. Relações campo cidade. Estudos culturais e a paisagem urbana. Movimentos sociais urbanos. Imagens, imaginários e ideologias urbanas.</p>	<p>CARLOS, Ana Fani A. <i>O espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade</i>. São Paulo. Contexto, 2004</p> <p>CARLOS, Ana Fani A. et al. <i>Dilemas urbanos: Novas abordagens sobre a cidade</i>. São Paulo, Contexto, 2003.</p> <p>SOUZA, Marcelo Lopes de. <i>O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras</i>. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2000.</p> <p>SILVA, José Borzacchiello da et al. <i>A cidade e o urbano</i>. Fortaleza: EUFC: 1997.</p>
<p>Geopolítica e Geografia Política II (64h)</p> <p>Transformações na organização do espaço mundial. Estado-nação. Império e imperialismo. Guerras e terrorismo nos séculos XX e XXI. Análise das formações territoriais contemporâneas. O mundo em rede: técnica, ciência e informação no mundo contemporâneo. Problemas geopolíticos brasileiros.</p>	<p>HAESBAERT, Rogério (ORG). <i>Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo</i>. Rio de Janeiro: Eduf, 1998.</p> <p>MASSEY, Doreem. <i>Pelo espaço: uma nova política da espacialidade</i>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.</p> <p>SANTOS, Milton. <i>Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal</i>. Rio de Janeiro, Record, 2000.</p> <p>VESENTINI, José William. <i>Novas Geopolíticas</i>. São Paulo: Contexto, 2000.</p> <p>VIZENTINI, Paulo Fagundes. <i>Dez anos que abalaram o século XX: da crise do socialismo à guerra ao terrorismo – política internacional de 1989 a 2002</i>. Porto Alegre, Leitura XXI, 2002.</p> <p>ZORGBIBE, Charles. <i>O pós-guerra fria no mundo</i>. Campinas, Papirus, 1996.</p>
<p>Geografia do Turismo (64h)</p> <p>Conceitos, métodos, abordagens e técnicas de análise em Geografia do Turismo. Planejamento de espaços turísticos: diagnóstico, avaliação e proposição.</p>	<p>ALMEIDA, Maria Geralda de. A produção do ser e do lugar turístico. In: SILVA, José Borzacchiello da; LIMA, Luiz Cruz; ELIAS, Denise. (Orgs.). <i>O Panorama da geografia brasileira</i>. São Paulo: Annablume, 2006. p. 109 - 122.</p> <p>ARCHER, Brian; COOPER, Chris. Os impactos positivos e negativos do turismo. In: William F. Theobald (org.). <i>Turismo Global</i>. São Paulo: SENAC, 2002, pp. 85 - 102.</p> <p>BARRETTO, M. <i>Manual de iniciação ao estudo do turismo</i>. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Turismo).</p> <p>BOITEUX, B.; WERNER, M. <i>Planejamento e organização do turismo: teoria e prática</i>. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003. 114 p.</p> <p>RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). <i>Turismo, Modernidade, Globalização</i>. São Paulo/SP: Hucitec, 1997.</p> <p>RODRIGUES, Adyr A. B. <i>Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais</i>. São Paulo/SP: Hucitec, 1999.</p> <p>RODRIGUES, Adyr A. B. <i>Turismo e Espaço – rumo a um conhecimento transdisciplinar</i>. São Paulo/SP: Hucitec, 1999.</p>

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
	<p>RUSCHMANN, Dóris. Turismo no Brasil – análise e tendências. Barueri/SP: Ed. Manole, 2002.</p> <p>YÁZIGI, Eduardo (org.). Turismo e Paisagem. São Paulo/SP: Ed. Contexto, 2002.</p>
<p>Geografia Cultural (64h)</p> <p>Cultura e pensamento geográfico. Métodos, abordagens, temas e procedimentos da Geografia Cultural. Etnogeografia e práticas culturais. Espaço vivido, lugar, território e identidades. Espaço e diferença. Geografia e cidadania. Sujeito e consciência do espaço. Pesquisa em Geografia Cultural.</p>	<p>ALMEIDA, Maria Geralda de & RATTTS, Alecsandro J. P. (org). Geografia: leituras culturais. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.</p> <p>CÂNDIDO. A. Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, 8. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.</p> <p>CLAVAL, P. A Geografia Cultural. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.</p> <p>ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.</p> <p>ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.</p> <p>ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). Geografia Cultural: um século (1). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.</p> <p>ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.</p> <p>ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). Matrizes da geografia cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.</p>
<p>Geografia Econômica (64)</p> <p>O sentido espacial da produção, da circulação e do consumo. Os fatores determinantes nas localizações. A economia espacial, as redes produtivas, os espaços de consumo e os serviços. Transações comerciais regionais e internacionais.</p>	<p>BENKO, G. <i>Economia espaço e Globalização: na aurora do século XXI</i>. São Paulo: Hucítec, 1996.</p> <p>CORRÊA, R. L. <i>Trajétórias geográficas</i>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.</p> <p>GONZAGA, F.; CROCCO, M. Moeda e território: uma interpretação da dinâmica brasileira. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.</p> <p>MARX, K. <i>Para a crítica da economia política</i>. São Paulo: Nova Cultural, 1986.</p> <p>MARX, K.; ENGELS, F. <i>Ideologia Alemã</i>, São Paulo: Hucitec, 1989.</p> <p>SANTOS, M. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.</p> <p>SANTOS, M. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método, in Da totalidade ao lugar. São Paulo: EDUSP, 2005.</p>
<p>Tópicos em Geografia Humana (64h)</p> <p>Disciplina de tema variado, com desenvolvimento de tópicos especiais de Geografia Humana, Geografia e Cultura, Geografia Regional, Geografia e Movimentos Sociais, entre outros.</p>	<p>Será fornecida a cada oferta da disciplina.</p>
Área: GEOGRAFIA FÍSICA	
<p>Geologia II (64h)</p> <p>Processos geológicos que comandam a dinâmica externa. Estratigrafia. Geologia do Brasil. Cartografia Geológica. Geologia aplicada aos estudos ambientais (estruturas geológicas como condicionantes de relevo, da paisagem e das drenagens). Processos intempéricos sobre as rochas e formação de solos.</p>	<p>LEINZ, V. & AMARAL, S. E. do. Geologia geral. 8. ed., São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1981.</p> <p>POPP, S. H. Geologia geral. 4. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1987.</p> <p>SUGUIO, K. Rochas sedimentares. São Paulo: Edgard Blucher, 1994.</p> <p>TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M.C.M.de; FAIRCHILD, T.R.; TAIOLI, F. Decifrando a Terra. Ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.</p>
<p>Geomorfologia II (64h)</p> <p>Conjuntos morfoclimáticos. Os grandes domínios morfoclimáticos brasileiros. A importância dos estudos do Quaternário nas Regiões Tropicais. Processos de denudação e etchplanação. Processos geoquímicos em Clima Tropical. Gênese, morfologia e evolução das paisagens tropicais. As dinâmicas das vertentes em ambientes tropicais.</p>	<p>BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D.; SANTOS, G. F. Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais. 2 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007. (vols. 1, 2 e 3).</p> <p>CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.</p> <p>TRICART, J. Introduction to climatic geomorphology. London: Longman, 1972.</p>
<p>Geomorfologia Aplicada (64h)</p> <p>Hidrologia de encosta, cabeceiras de drenagem e áreas</p>	<p>BIGARELLA, J. J. Estrutura e origem das paisagens tropicais. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. Vol. 3.</p>

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>marginais. Processos tecnogênicos: erosão, assoreamento, enchentes, movimentos de massa e aterramento de planícies fluviais. Planícies fluviais como áreas de amortecimento de cheias. Uso dos leitos fluviais: barramentos, PCH, UEH, hidrovias etc. Áreas de disposição do lixo urbano. Contribuições da geomorfologia para o Plano Diretor.</p>	<p>CASSETI, V. Ambiente e apropriação do relevo. São Paulo: Contexto, 1991.</p> <p>GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. (org). Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.</p> <p>SÃO PAULO. Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Tecnologia, ambiente e desenvolvimento. São Paulo: Ed. IPT, 1992.</p>
<p>Climatologia II (64h) As escalas do clima, sistemas climatológicos, análise rítmica do clima, índices climáticos, classificações climáticas, prática em cartografia climática, prática em instrumentação para observação e registro do comportamento meteorológico. Análise climática aplicada a estudos ambientais.</p>	<p>AYOADE, J. O. Introdução à climatologia para os trópicos. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988.</p> <p>FERREIRA, A. G. Meteorologia Prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.</p> <p>GEIGER, R. Manual de Microclimatologia: o clima da camada de ar junto ao solo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.</p> <p>MONTEIRO, C. A. F.; MENDONÇA, F. Clima urbano. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>VIANELLO, Rubens Leite; ALVES, Adil, Rainer Alves. Meteorologia Básica e Aplicações. Viçosa: UFV, 2000. 448p.il.</p>
<p>Análise e Gestão de Bacias Hidrográficas (64h) Elementos de uma bacia hidrográfica. Ciclo Hidrológico. Conceitos fisiográficos fundamentais. Características morfométricas e dinâmicas das bacias hidrográficas. Abordagens práticas de análise. Gestão de bacias: comitês de bacias hidrográficas; planos de manejo.</p>	<p>CHRISTOFOLETTI, A. Análise de bacias hidrográficas. In: _____. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blücher, 1980. Cap. 4, p. 81-97.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia fluvial: o canal fluvial. São Paulo: Edgard Blucher, 1981.</p> <p>CASTRO FILHO, C.; MUZILLI, O. Manejo integrado de solos em microbacias hidrográficas. Londrina: IAPAR/SBCS, 1996.</p> <p>TUCCI, C. Avaliação ambiental integrada de bacia hidrográfica. Brasília: Ministério de Meio Ambiente, Agência Nacional de Águas, 2006.</p>
<p>Ecologia do Cerrado (64h) Características gerais do cerrado. Fitofisionomias do cerrado. Características da vegetação do cerrado. Fauna do cerrado. Relações fauna e flora com outros biomas. Características de polinização e dispersão de sementes no cerrado. Herbivoria no cerrado. Fogo no cerrado. Fluxos de energia e matéria no cerrado. Extrativismo e conservação do cerrado</p>	<p>GOODLAND, R. & FERRI, M.G. Ecologia do Cerrado. Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora Ltda, , 1979. 193 p.</p> <p>PINTO, M. N. Cerrado: Caracterização, Ocupação e Perspectivas. Brasília, Editora da UnB, 1990.657p.</p> <p>SANO, S. M. & ALMEIDA, S. P. Cerrado: Ambiente e Flora. Planaltina/DF, EMBRAPA, 1998.</p>
<p>Impactos Ambientais do Uso das Terras (64h) Definição e tipos de impacto ambiental. Condicionantes dos impactos relacionados ao uso e ocupação das terras. Processos de movimentação de solo; poluição de solos e águas; compactação, perda de fertilidade, de matéria orgânica e biota de solos; desertificação. Metodologias de avaliação de fragilidades, suscetibilidade e vulnerabilidade. Avaliação de tendências e cenários futuros.</p>	<p>AB'SABER, A. N.; PLANTENBERG, C. M. (Org.). Previsão de impactos. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2002.</p> <p>FERREIRA JR., L. G. A encruzilhada socioambiental: biodiversidade, economia e sustentabilidade no Cerrado. Goiânia: Ed. da UFG, 2008.</p> <p>GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. (org). Impactos ambientais urbanos no Brasil. 6 ed. Rios de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.</p> <p>SANCHEZ, L. E. Avaliação de impactos ambientais: conceitos e métodos. São Paulo: Oficina de textos, 2008.</p>
<p>Instrumentos de Avaliação de Impactos Ambientais (64h) Treinamento prático em gabinete e campo para avaliação de impactos ambientais. Treinamento na elaboração de relatórios técnicos de avaliação de impactos ambientais como EIA/RIMA, PRAD, PGA, ZEE.</p>	<p>SANCHEZ, L. E. Avaliação de impactos ambientais: conceitos e métodos. São Paulo: Oficina de textos, 2008.</p> <p>SANTOS, R. Planejamento Ambiental: teoria e prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2004.</p> <p>TUCCI, C. Avaliação ambiental integrada de bacia hidrográfica. Brasília: Ministério de Meio Ambiente, Agência Nacional de Águas, 2006.</p>
<p>Geoecologia e Paisagem (64h) Conceitos de Paisagem e Geoecologia. Estrutura e Dinâmica da Paisagem. Processo de fragmentação. Unidades geoecológicas das paisagens naturais e culturais. Corredores de biodiversidade. Recuperação de remanescentes: regeneração, recomposição e reabilitação. Metodologias de análise de remanescentes e ferramentas de geoestatística. Monitoramento da fragmentação.</p>	<p>LANG, S.; BLASCHKE, T. Análise da Paisagem com SIG. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.</p> <p>MARTINS, E. S. et al. Ecologia da Paisagem: conceitos e aplicações potenciais no Brasil. Planaltina/DF: Embrapa Cerrado, 2004.</p> <p>ROSS, J. L. S. Ecogeografia do Brasil: subsídios para o planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de Texto, 2006.</p> <p>SANTOS, R. F. Planejamento ambiental: teoria e prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2004.</p>
<p>Pedologia Aplicada à Geografia (64)</p>	<p>BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. Conservação do solo. Piracicaba/SP: Livrocere, 1985.</p>

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>Análise integrada da cobertura pedológica. Serviços ambientais dos solos. Capacidade de uso do solo, Aptidão agrícola e florestal, Aptidão a assentamentos rurais e urbanos. Conflitos e restrições de uso e ocupação. Proteção de áreas de recarga de aquíferos. Degradação e recuperação de solos degradados.</p>	<p>LEPSCH, I. F.; BELLINAZZI, J., BERTOLINI, D.; ESPINDOLA, C. R. Manual para levantamento utilitário do meio físico e classificação de terras no sistema de capacidade de uso. Campinas: SBCS, 1991.</p> <p>OLIVEIRA, J. B. Pedologia Aplicada. Jaboticabal: FUNEP, 2001.</p> <p>RAMALHO FILHO, A.; BEEK, K. J. Sistema de avaliação da aptidão agrícola das terras. 3. ed. Rio de Janeiro: CNPS/EMBRAPA, 1995.</p>
<p>Hidrogeografia (64h)</p> <p>A importância da Hidrologia no gerenciamento ambiental. Balanço hídrico. Oceanos e mares: distribuição espacial, características das águas, ondas, marés e correntes marinhas. O escoamento nos rios: tipos e dinâmica de escoamento e morfologia dos canais. Transporte de sedimentos: tipos e mecanismos de transporte. Redes fluviométricas no Brasil: medições e tipos de vazões. Hidrologia das águas subterrâneas: tipos de aquíferos, movimentação e armazenamento da água.</p>	<p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia fluvial: o canal fluvial. São Paulo: Edgard Blucher, 1981.</p> <p>REBOUÇAS, A. et al. (Org). Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação. 3 ed. São Paulo: Escrituras, 2006.</p> <p>STRAHLER, A. STRAHLER, A. Introducing physical geography. New York: J. Wiley, 1999.</p> <p>SUGUIO, K. BIGARELLA, J. J. Ambientes fluviais. 2 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.</p> <p>TUCCI, C.E.M. (Org.) Hidrologia: ciência e aplicações. Porto Alegre: Ed. UFRGS/ABRH, 1997.</p>
<p>Análise Integrada em Geografia Física (64h)</p> <p>Intersecção entre atmosfera, litosfera, hidrosfera e biosfera. Interação entre os componentes dos sistemas naturais: ar, água, rocha, solo, relevo, organismos. Geossistemas e organização espacial dos sistemas ambientais. Identificação e modelagem de sistemas ambientais.</p>	<p>CASSETTI, V. Ambiente e apropriação do relevo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1995.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Modelagem de sistemas ambientais. São Paulo: Edgard Blucher, 1999.</p> <p>DREW, D. Processos interativos Homem-Meio ambiente. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.</p> <p>GREGORY, K. J. A natureza da Geografia Física. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.</p> <p>STRAHLER, A. STRAHLER, A. Introducing physical geography. New York: J. Wiley, 1999.</p>
<p>Tópicos em Geologia (64h)</p> <p>Disciplina de tema variado, com desenvolvimento de tópicos especiais nas áreas de Geografia Física ou Geologia, como Geomorfologia, Pedologia, Mineralogia, Climatologia, Biogeografia ou Hidrologia, entre outros.</p>	<p>Será fornecida a cada oferta da disciplina.</p>
<p>Tópicos em Astronomia (64h)</p> <p>Disciplina de tema variado, com desenvolvimento de tópicos especiais de Astronomia, Astrofísica, Cosmografia Geográfica ou Ensino de Astronomia, entre outros.</p>	<p>Será fornecida a cada oferta da disciplina.</p>
Área: GEOMÁTICA	
<p>Geoprocessamento II (64h)</p> <p>Processamento, funções de análise geográfica e modelagem numérica do terreno em SIG. Desenvolvimento de projeto em SIG para aplicação em planejamento urbano, regional ou ambiental.</p>	<p>CÂMARA, G.; CASANOVA, M. A.; MEDEIROS, C. B.; HEMERLY, A.; MAGALHÃES, G. Anatomia de Sistemas de Informação Geográfica. Curitiba: Sagres, 1997.</p> <p>LANG, STEFAN; BLASCHKE, THOMAS. Tradução Kux Hermann. Análise da Paisagem com SIG. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.</p> <p>ZUQUETE, Lázaro; GANDOLFI, Nilson. Cartografia Geotécnica. São Paulo: Oficina de Texto, 2004.</p> <p>MOURÃO, A. C. M. Geoprocessamento na Gestão e Planejamento Urbano. Ed. da autora: Belo Horizonte, 2005. 294p.</p> <p>SANTOS, Rozely Ferreira dos. Planejamento Ambiental Teoria e Prática. São Paulo: Oficina de Textos 2004.</p>
<p>Sensoriamento Remoto II (64h)</p> <p>Uso de diferentes dados e técnicas de sensoriamento remoto para caracterização e monitoramento dos componentes de um sistema ambiental e suas respostas às mudanças de origem antrópica. Prática de monitoramento das distribuições espaciais e dinâmicas temporais em sistemas ambientais urbanos ou regionais.</p>	<p>FLORENZANO, Teresa Gallotti. Imagens de satélite para estudos ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2002. 97 p.</p> <p>MENESES. P. R.; MADEIRA NETTO, J. S. (Org.). Sensoriamento remoto: reflectância dos alvos naturais. Brasília: Editora UnB, 2001. v. 1. 262 p.</p> <p>MOREIRA, Maurício Alves. Fundamentos do Sensoriamento Remoto e Metodologia de Aplicação. 4ª Edição. Editora UFV, 2011.</p> <p>SILVA, Ardemirio de Barros. Sistemas de informações geo-referenciadas : conceitos e fundamentos. Campinas- SP: Ed. UNICAMP, 2003. 236 p.</p>

EMENTAS	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>Topografia (64h)</p> <p>Conceitos sobre Topografia. Aplicação da Norma da ABNT, NBR 13.133/94 (execução de levantamento topográfico). Utilização e manuseio de instrumentos topográficos. Unidades topográficas. Ângulos topográficos. Orientação magnética e verdadeira. Declinação magnética. Métodos de levantamento topográfico. Planta topográfica. Altimetria. Métodos de nivelamento. Topologia. Desenho de perfil topográfico. Taludes. Áreas. Volumes.</p>	<p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS: NBR 13.133; NBR 14.166.</p> <p>COMASTRI, J. A. Topografia – Planimetria. Viçosa. Imprensa Universitária, UFV. 1980.</p> <p>GODOY, Reinaldo. Topografia Básica, FEALQ, 1988.</p> <p>LOCH, C.; CORDINI, J. Topografia contemporânea. Florianópolis: Editora UFSC, 1995.</p> <p>NETTO, N. P. Aplicações da teoria dos erros na topografia. São Paulo: EPUSP/PTR, 1995.</p>
Área: TRANSVERSAL	
<p>Tópicos em Geografia Regional (64h)</p> <p>Disciplina de tema variado, abordando uma das grandes regiões mundiais: África; América Anglo-Saxônica e Europa; América Latina; Ásia e Oceania. Enfoque sobre a origem histórico-geográfica; particularidades fisiográficas; características contemporâneas dos países; relações internacionais e integração regional.</p>	Será fornecida a cada oferta da disciplina.
Área: ESPECÍFICA DA LICENCIATURA	
<p>Educação Ambiental (64h)</p> <p>Noções históricas e filosóficas da Educação Ambiental (EA). Legislação, políticas e programas relativos à EA. Dimensões, finalidades, princípios e práticas da EA. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Experiências emblemáticas de EA no Brasil. Relação entre educação e práticas sociais em pesquisas sobre sustentabilidade e gestão ambiental.</p>	<p>CAPRA, F. As conexões ocultas: ciência para a vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2003.</p> <p>CAPRA, F. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente, 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.</p> <p>CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Editora Cotex, 2004.</p> <p>DIAS, Genebaldo Freire. Atividades Interdisciplinares em Educação Ambiental. São Paulo: Global, 1994.</p> <p>GUIMARÃES, Mauro. A dimensão Ambiental na educação. Campinas-SP: Papyrus, 1995.</p> <p>GUIMARÃES, Mauro. A formação de educadores ambientais. Campinas-SP: Papyrus, 2004.</p> <p>MORIN, Edgard. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Editora UNESCO, 2000.</p> <p>VIANA, R. M.; OLIVEIRA, S. F. Amar e Cuidar: A reverência pela vida na Educação Ambiental. Goiânia: Editora Keops, 2011.</p>

5.4. Sugestão de Fluxo de Integralização Curricular

I SEMESTRE	
NÚCLEO COMUM	NÚCLEO ESPECÍFICO
Geografia e Sociedade	-
Organização do Trabalho Científico	-
Astronomia	-
Cartografia I	-
Teoria e Metodologia da Geografia I	-
II SEMESTRE	
NÚCLEO COMUM	NÚCLEO ESPECÍFICO
Geografia da População I	-
Teoria e Metodologia da Geografia II	-

Geologia I	-
Climatologia I	-
Cartografia II	-
III SEMESTRE	
NÚCLEO COMUM	NÚCLEO ESPECÍFICO
Estatística Aplicada à Geografia	Optativa 1
Geografia Agrária I	Optativa 2
Geomorfologia I	-
Geopolítica e Geografia Política I	-
IV SEMESTRE	
NÚCLEO COMUM	NÚCLEO ESPECÍFICO
Geografia Urbana I	Geoprocessamento I
Pedologia	Sensoriamento Remoto I
-	Optativa 3
-	Optativa 4
V SEMESTRE	
NÚCLEO COMUM	NÚCLEO ESPECÍFICO
Biogeografia	Teoria do Planejamento Geográfico
Geografia da Indústria	Prática de Campo em Geografia
-	Optativa 5
-	Optativa 6
VI SEMESTRE	
NÚCLEO COMUM	NÚCLEO ESPECÍFICO
Geografia de Goiás	Estágio Supervisionado I
-	Prática de Planejamento Regional
-	Prática de Planejamento Urbano
-	Prática de Planejamento Ambiental
-	Optativa 7
VII SEMESTRE	
NÚCLEO COMUM	NÚCLEO ESPECÍFICO
TCC 1	Estágio Supervisionado II
-	Análise Integrada em Geografia Física
-	Optativa 8
-	Optativa 9
-	Núcleo Livre 1
VIII SEMESTRE	
NÚCLEO COMUM	NÚCLEO ESPECÍFICO
TCC 2	Optativa 10
	Núcleo Livre 2

5.4.1. Indicações de Disciplinas Optativas por Semestre

III SEMESTRE (FEVEREIRO a JUNHO)	Formação Socioespacial
	Geografia da População II
	Geologia II
	Climatologia II
IV SEMESTRE (AGOSTO a DEZEMBRO)	Geografia Agrária II
	Geopolítica e Geografia Política II
	Geomorfologia II
V SEMESTRE (FEVEREIRO a JUNHO)	Geografia Urbana II
	Geoprocessamento II
	Sensoriamento Remoto II
	Tópicos em Astronomia
	Geoecologia e Paisagem
VI SEMESTRE (AGOSTO a DEZEMBRO)	Formação do Território Brasileiro
	Geografia Cultural
	Tópicos em Geografia Regional
	Geomorfologia Aplicada
	Hidrogeografia
VII SEMESTRE (FEVEREIRO a JUNHO)	Geografia do Turismo
	Tópicos em Geografia Humana
	Impactos Ambientais do Uso das Terras
	Instrumentos de Aval. de Impactos Amb.
VIII SEMESTRE (AGOSTO a DEZEMBRO)	Topografia
	Análise e Gestão de Bacias Hidrográficas
	Ecologia do Cerrado
	Pedologia Aplicada à Geografia
	Tópicos em Geologia

5.5. Atividades Complementares (AC)

As Atividades Complementares são componentes curriculares de formação acadêmico-profissional que complementam o perfil do profissional desejado.

As Atividades Complementares tem como objetivo garantir ao estudante uma visão acadêmico-profissional mais abrangente da Geografia e áreas afins e, sobretudo, da vivência universitária. Elas são o conjunto de atividades, mas não de disciplinas, escolhidas e desenvolvidas pelos estudantes durante o período disponível para a integralização curricular.

Entende-se por Atividades Complementares a participação em conferências, seminários, palestras, congressos, cursos intensivos, debates e outras atividades científicas, profissionais e culturais. As atividades de iniciação científica poderão ser computadas como Atividades Complementares.

A participação em eventos de natureza científico-culturais deve ser estimulada desde o primeiro semestre do curso, quando o estudante pode, de forma gradativa, passar de ouvinte, num primeiro momento, a participante efetivo, num segundo momento, desde que seja orientado a participar de forma mais efetiva

nos semestres seguintes, expondo em comunicações e auxiliando na elaboração de mini-cursos, congressos, jornadas e na organização e demais atividades atinentes aos eventos dessa natureza.

A carga horária exigida no cumprimento de atividades complementares por parte do discente – de 200 (duzentas) horas – visa criar oportunidades para que o estudante busque em outros ambientes as fontes de conhecimento e o complemento indispensável à sua formação acadêmica.

É importante ressaltar que a Universidade, pelas próprias dimensões e complexidades de suas tarefas, propicia, internamente, uma gama de possibilidades de participação do estudante nas suas atividades de ensino, pesquisa e extensão durante os semestres letivos. As unidades acadêmicas, os cursos e as áreas afins ao conhecimento geográfico, além do IESA e do curso de Geografia, oferecem Seminários, Congressos, Semanas, Simpósios, Colóquios, Jornadas, etc. A Universidade desenvolve Mostras e Seminários de Extensão e Pesquisa praticamente todos os anos. Desse modo, em nível interno, o acadêmico tem amplas possibilidades de complementar seus estudos e de vivenciar a universidade.

Torna-se necessário, entretanto, que esse complemento seja estimulado, sempre que possível, e buscado também fora do ambiente “doméstico” da Universidade de origem do acadêmico, pois o intercâmbio com outras realidades enriquece e amplia o horizonte de formação, estimula o debate acadêmico e o exercício da interdisciplinaridade.

As Atividades Complementares poderão ser regulamentadas por meio de normas estabelecidas pela Coordenação de Graduação e aprovadas pelo Conselho Diretor do Instituto de Estudos Socioambientais.

6. Política e Gestão de Estágio

O Estágio curricular dos cursos de bacharelado (obrigatório e não-obrigatório) seguirá a lei n. 11.788 de 25 de setembro de 2008 e as resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás - CEPEC n. 766 e CEPEC n. 880, que dispõem sobre as normativas legais para a execução do Estágio, seja ele na modalidade obrigatório ou não obrigatório.

O Estágio é interpretado como uma ação educativa que faz parte do projeto pedagógico do curso e integra o quadro formativo do acadêmico, visando o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular a fim de conduzir o educando a cidadania e ao trabalho, devendo ser coordenado pela instituição de ensino e supervisionado, quando do seu desenvolvimento, no ambiente de trabalho. O objetivo do Estágio é a preparação para o trabalho produtivo dos acadêmicos que estejam cursando o ensino regular da educação superior.

6.1. Estágio Curricular Obrigatório

O Estágio do bacharelado obrigatório é definido como tal no projeto do curso; sua carga horária é requisito para aprovação e para fins de conclusão do curso e obtenção de diploma. Deverá ser realizado em órgãos públicos, privados ou mistos, podendo ainda ser realizado, parcialmente, na mesma ou em outra unidade acadêmica, desde que estes órgão de interesse estejam credenciados junto à Universidade Federal de Goiás e atendam a legislação vigente e política de Estágio.

Entende-se por Estágio do Bacharelado em Geografia a participação, sem vínculo empregatício do estudante, em atividades voltadas ao desenvolvimento ou aquisição de habilidades específicas. O Estágio obrigatório somente será realizado sem ônus para órgãos e entidades concedentes.

O Estágio do bacharelado tem por objetivo proporcionar ao estudante um complemento da formação e ao mesmo tempo colocá-lo em contato com o ambiente profissional e deverá destinar-se à aquisição e/ou aprimoramento de metodologias de análise, de técnicas operacionais ou ainda de tecnologias específicas para análise físico-ambiental, socioambiental e socioespacial.

O Estágio será gerido pelo IESA, pela Universidade Federal de Goiás por meio da PROGRAD (Pró-Reitoria de Graduação), considerando-se a viabilidade executiva e operacional, desdobrando-se em termos de disciplina e carga horária (64h e 192h), conforme matriz curricular e deverá ser realizado a partir do 6º período.

O Estágio deverá priorizar atividades cujo enfoque de problemas específicos seja um ou mais dentre os seguintes:

- aspectos de evolução demográfica;
- história cultural, análise das paisagens;
- comportamento e dinâmica atual e processos e movimentos sociais de modo integrado e seus reflexos sobre padrões de ocupação, territorialização e desterritorialização;
- representações cartográficas: construção, análise e aplicações;
- políticas públicas, diagnósticos e prognósticos para fins de zoneamentos, inclusive ecológico-econômicos e planejamento ou para delimitação e caracterização de áreas de risco ao uso e ocupação, de unidades ambientais, de conservação e outros;
- variabilidades climáticas e mudanças climáticas globais;
- avaliação de potenciais geoambientais.

Os tópicos citados devem ser tomados sem prejuízo de outros que venham a surgir, na dependência dos objetivos pretendidos pelo estudante em termos de preferência temática e da oferta de vagas para o Estágio.

As atividades desenvolvidas durante o Estágio poderão envolver abrangências espaciais diversas tais como: nacional, macrorregional, regional, subregional, meso ou microrregional, estadual, municipal ou ainda local, ou seja, de partes ou setores como bairros, assentamentos rurais ou urbanos, dentre outros ainda menores, além de áreas relacionadas a unidades de conservação; ou ainda bacias, sub-bacias, microbacias hidrográficas, unidades de conservação e/ou de planejamento. Os recortes temporais adotados poderão envolver tanto séries históricas ou intervalos de tempo, como momentos particulares, seja um ano específico ou o momento atual, bem como predição ou prognósticos a partir das tendências evolutivas projetadas a partir das análises.

O acadêmico, para a realização do Estágio Obrigatório, deverá estar matriculado na disciplina de Estágio e deverá integralizar 256 horas de atividade na empresa, entidade ou órgão onde desenvolverá o mesmo.

Do início até o final da execução do Estágio, o acadêmico se compromete a estar em dia com a documentação exigida para sua realização, em suas diversas etapas de execução. Será necessária a entrega dos seguintes documentos:

- 1) **Termo de Compromisso**, assinado pela empresa, pelo acadêmico e pela instituição de ensino representada pelo Coordenador de Estágio (em três vias, com a primeira arquivada na Instituição de Ensino);
- 2) **Plano de Trabalho** (em duas vias, com a primeira arquivada na Instituição de Ensino);
- 3) **Planilha de Frequência**, com registro diário e com a assinatura do supervisor de Estágio integralizando 256 horas de atividades;
- 4) **Relatório Bimestral** das atividades, por meio da Ficha Relatório; e
- 5) **Relatório Final** das atividades de Estágio, apresentando os trabalhos realizados, a importância da experiência profissional adquirida no Estágio e, sobretudo, a interface das atividades de Estágio com a vida acadêmica.

O aluno será aprovado no Estágio Obrigatório mediante a observação das orientações da coordenação, cumprimento da carga horária e a entrega dos documentos atendendo os critérios e exigências.

6.2. Estágio Não-obrigatório

O Estágio Não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória. Requer matrícula e frequência regular do acadêmico no curso de graduação em Geografia.

O ingresso do estudante de Geografia no Estágio Não-obrigatório poderá ser realizado a partir do 3º semestre de frequência ao curso. Essa modalidade também contará com o acompanhamento efetivo do professor coordenador do Estágio na instituição de ensino superior e por um supervisor da parte concedente (empresas, órgãos, instituições públicas ou privadas, entre outras, credenciadas junto a Universidade Federal de Goiás/ou pelo intermédio dos agentes de integração).

O Estágio Não-obrigatório não caracteriza vínculo empregatício e pode ser remunerado. A realização de atividades deverá estar de acordo com a formação educacional, profissional e cultural do acadêmico, bem como, com as normas legais e a política de Estágio.

O aluno que realiza o Estágio Não-obrigatório deve entregar os seguintes documentos:

- 1) **Termo de Compromisso**, assinado pela empresa, pelo acadêmico e pela instituição de ensino representada pelo Coordenador de Estágio (em três vias, com a primeira arquivada na Instituição de Ensino);
- 2) **Plano de Trabalho** (em duas vias, com a primeira arquivada na Instituição de Ensino);
- 3) **Planilha de Frequência**, com registro diário das atividades e com a assinatura do supervisor de Estágio;
- 4) **Relatório Bimestral** das atividades, por meio da Ficha Relatório; e
- 5) **Relatório Final** das atividades de Estágio Não-obrigatório, quando de sua conclusão, apresentando o trabalho realizado, a importância da experiência profissional adquirida no Estágio e, sobretudo, a interface das atividades de Estágio com a vida acadêmica.

Fica facultado à Universidade Federal de Goiás, ao IESA e ao professor coordenador do Estágio desligar o aluno do Estágio Não-obrigatório quando houver irregularidade das atividades e/ou ausência dos documentos necessários em virtude da não entrega dos mesmos, sobretudo, junto aos agentes de integração.

7. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) será desenvolvido na forma de 2 (duas) disciplinas curriculares, denominadas de TCC 1 e TCC 2. A primeira abrangerá o desenvolvimento do projeto e o início das atividades de pesquisa. A segunda envolverá o desenvolvimento e a finalização da pesquisa, com apresentação formalizada como artigo científico ou monografia acadêmica.

As normas relativas ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso estão definidas no **Anexo I**.

8. Sistema de Avaliação do Processo de Ensino e de Aprendizagem

O acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem dar-se-á pela análise dos resultados de diversos instrumentos de avaliação, a exemplo daqueles aplicados pelo Ministério da Educação, como o Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes (ENADE), e pela Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos (PRODIRH) a todos os estudantes de graduação da UFG, seja para avaliação dos docentes, seja para avaliação institucional. Destaca-se, também, o resultado

Além disso, a Coordenação do Curso de Graduação deverá realizar o acompanhamento periódico e a divulgação dos índices de aprovação/reprovação por turma, de evasão e de abandono, a fim de subsidiar as análises das áreas (Geomática e Estatística, Ensino de Geografia, Geografia Humana, Geografia Física, Transversais) na avaliação do currículo e dos problemas que porventura possam acontecer.

A Coordenação do Curso de Graduação deverá, ainda, subsidiar os docentes na compreensão das normas da UFG quanto à avaliação, a exemplo do cumprimento ao disposto no RGCG; além de fornecer apoio para a adoção de instrumentos avaliativos que privilegiem o processo de construção/assimilação dos conhecimentos por parte dos alunos e não apenas a mensuração momentânea da aquisição de conteúdos.

9. Integração Ensino, Pesquisa e Extensão

A Universidade Pública, no Brasil, tem reafirmado seu caráter de produtora de conhecimento por meio de uma política alicerçada na indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Esse conjunto de atividades disponibilizado é, em síntese, uma forma de retorno à sociedade, em forma de benefícios, dos investimentos alocados no ensino de 3º Grau.

Para a formação desse perfil profissional é necessário que haja uma articulação constante entre esses níveis de formação. O Ensino deve fornecer o arcabouço teórico e metodológico necessário à compreensão por parte do estudante de uma realidade em transformação, levando-o a perceber sua inserção política como agente potencialmente capaz de promover mudanças importantes na relação sociedade-natureza.

A pesquisa, por sua vez, deve ser inserida no cotidiano do ensino, tanto como momento de aplicação das técnicas de análises espaciais, como potencializadora da capacidade de reflexão do estudante sobre a realidade na qual está inserido. Para o Geógrafo e para a Geografia, o trabalho de campo, constitui uma atividade tradicional, que deve deixar de ser apenas o momento das viagens ou excursões, geralmente a outros lugares, e de restringir-se a uma única disciplina. Essas atividades, que continuam sendo importantes, devem propiciar o intercâmbio, por meio da interdisciplinaridade, tanto em nível interno ao conhecimento geográfico como por meio do concurso de outros conhecimentos.

A Extensão é também uma dimensão importante da formação acadêmica, porque consolida a função social do futuro profissional. Quando o estudante é levado a participar das atividades nas quais há uma relação direta com a comunidade ele valoriza a sua formação acadêmica e se valoriza enquanto profissional e agente de transformação.

O campo, portanto, deve ser o momento em que a pesquisa, o ensino e a extensão se fundem no conhecimento da realidade. Nesse sentido, deve ser uma atividade de reflexão constante para o ensino da geografia, propiciando ao egresso, seja na sua atividade de pesquisa, como profissional técnico e/ou como docente, uma visão menos fragmentada da realidade.

A inter-relação ensino e pesquisa vêm sendo promovida por meio de estágios voluntários e dos programas de iniciação científica da UFG, o que tem resultado na divulgação de trabalhos em eventos científicos. Essas atividades continuarão sendo fomentadas e fortalecidas pela regulamentação das Atividades Complementares.

Os trabalhos de extensão, como fonte de identificação de problemas, podem contribuir para a concepção de projetos de pesquisa inseridos no contexto social, bem como fomentar inovações no ensino de graduação e pós-graduação.

As atividades de extensão desenvolvidas no Instituto de Estudos Socioambientais têm sido caracterizadas preponderantemente como ações pontuais. Pretende-se dentro dos objetivos desta nova proposta, fomentar a inter-relação ensino, pesquisa e extensão por meio de iniciativas promovidas pelas Coordenações de: Graduação, Pesquisa e Extensão.

A Geografia, como ciência do espaço social, é por natureza histórica, uma área do conhecimento relacional, multidisciplinar. As duas grandes áreas do conhecimento da Geografia – Geografia Humana e Geografia Física - fornecem um mosaico de temáticas que busca a explicação para as transformações espaciais ao longo da história da sociedade e que de certa forma dividiram e, ainda dividem, as produções científicas no ensino, na pesquisa e na extensão. As divisões dos núcleos didático-pedagógicos no interior dos Institutos e Departamentos promoveram a segregação de grupos de pesquisadores criando uma epistemologia própria para os “geógrafos físicos” e outra para os “geógrafos humanos”.

A profunda crítica interna à ciência e também uma crítica ao seu discurso político-ideológico - marca da evolução recente do conhecimento geográfico - propiciou um processo de renovação teórico-metodológica que tem sido importante para o desenvolvimento de uma proposta possível de grade curricular, na qual o

conhecimento geográfico possa fornecer à sociedade, além de um profissional habilitado a interpretar as transformações espaciais, a partir de desenvolvimento de técnicas modernas de análises, também um cidadão consciente de sua função social. Um conhecimento técnico capaz de propor mudanças qualitativas importantes, haja vista sua capacidade política de dialogar com a sociedade na busca de soluções para os conflitos materializados à esfera da produção da sociedade.

As tendências surgidas com o sensoriamento remoto e com a tecnologia da informação têm auxiliado enormemente na obtenção, análise, armazenamento e processamento de dados. A tecnologia artificial tem forte impacto sobre a teoria e a prática geográficas e permitem a solução de problemas que eram anteriormente difíceis, mas não pode resolver os impasses teóricos e metodológicos apresentados pela geografia. Essa mudança que está em curso, tanto na Geografia Física quanto na Geografia Humana, constitui a própria dinâmica da ciência geográfica.

Para Moreira (1994), há um olhar próprio e personalizador dos geógrafos sobre o mundo dos homens e ele possui um caráter de ordenamento territorial sistematizado pelo rigor interpretativo do olhar espacial. Nesse sentido, os problemas sociais se resolvem, também, como política de ordenamento territorial. Além disso, devemos encarar a realidade como movimento holístico dos fenômenos. E isto chama a atenção da comunidade de geógrafos, uma vez que não é a mesma escala do relevo, do clima, do solo, dos biomas, do campo, da cidade, da circulação, que pedem o concurso conjunto dos especialistas do espaço e do território. Ainda segundo o autor, talvez seja um mundo holístico visto sob o olhar do seu ordenamento territorial a epistemologia que falta para a superação do ardil de uma epistemologia de físicos e humanos, ou seja, a afirmação de uma diferenciação mais plural das especializações que oficialize nosso encontro com as viradas desse mundo desintegrado e de complexas relações apresentadas nesse início de século.

É com a perspectiva de apresentar um perfil de profissional atuante e crítico da realidade que a Geografia deve se esforçar doravante, pois essa é uma das demandas sociais contemporâneas.

10. Política de Qualificação Docente e Técnico-Administrativo

O Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) acredita ser de suma importância a qualificação de seus docentes e dos técnicos administrativos que os auxiliam.

O Instituto adota uma política de liberação parcial ou integral dos docentes e técnicos administrativos para participação em cursos de capacitação, pós-graduação lato sensu ou stricto sensu, além de estágios de pós-doutoramento.

Para tanto, devem ser observadas as demandas apresentadas e sua adequação às normas legais da UFG. Além de sujeitas à aprovação pelo Conselho Diretor do Instituto, a efetivação das liberações deve considerar as discussões realizadas no âmbito das áreas – pedagógicas, laboratoriais ou administrativas –, de forma a garantir a normalidade no desenvolvimento das atividades exercidas pelo docente ou técnico-administrativo que irá se ausentar, seja por sua substituição por um contrato temporário ou pela assunção de suas atividades pelos demais membros de sua área.

Almeja-se, para os próximos quatro anos, que a totalidade do corpo docente possua doutorado e ao menos 1/3 já tenha realizado ou esteja realizando o pós-doutoramento. Além disso, que todo o corpo docente esteja integrado a redes e grupos de pesquisa, com intercâmbio com instituições nacionais e internacionais, de forma a ampliar as trocas de experiências e a integração com a comunidade acadêmico-científica.

Nessa mesma ótica, pretende-se que, nos próximos anos, todo o corpo técnico-administrativo participe de atividades de qualificação profissional, com vistas inclusive à inserção em programas de pós-graduação, no âmbito da gestão administrativa ou das áreas de especialização no campo da Geografia.

11. Sistema de Avaliação do Projeto de Curso

A gestão e o acompanhamento do presente projeto pedagógico dar-se-á em consonância com a política de avaliação institucional da PROGRAD e da Câmara de Graduação; do Conselho Diretor do IESA e

dos Núcleos Estruturantes dos cursos de graduação. Ressalta-se para tanto, alguns princípios à avaliação do projeto pedagógico do curso:

- a opção pela docência como eixo epistemológico, articulada à produção e comunicação do conhecimento e à centralidade do processo de ensinar e aprender;
- a teoria e a prática, indissociáveis desde o início do curso, devem permear toda a formação, tanto na área pedagógica, como específica;
- a opção pela interdisciplinaridade como vivência constante em todos os componentes curriculares, objetivando tematizar questões sobre a educação, o ensino e a profissionalidade;
- a indissociabilidade das funções de ensino, pesquisa e extensão, no desenvolvimento do currículo, constituindo-se como prática permanente mediante a participação dos discentes, docentes, gestores e funcionários.
- a gestão acadêmico-democrática será um dos pilares da articulação dos diferentes atores que constroem o currículo na prática cotidiana, na organização dos recursos, numa dimensão crítica e participativa;

Com esses princípios, acredita-se que a avaliação permanente do processo de implantação e desenvolvimento do projeto pedagógico do curso em questão oferecerá indicadores para seu aperfeiçoamento.

A primeira avaliação do currículo do curso de Bacharelado em Geografia dar-se-á no decorrer do último ano da primeira turma, com a organização de debates e aplicação de questionários avaliativos. As outras avaliações posteriores seguirão o calendário de avaliação institucional da UFG.

Os critérios de avaliação das condições do projeto do curso serão os seguintes:

1. Organização didático-pedagógica:
 - 1.1. administração acadêmica;
 - 1.2. coordenação acadêmica;
 - 1.3. projeto de curso;
 - 1.4. atividades acadêmicas;
 - 1.5. políticas de capacitação;
 - 1.6. integração entre graduação e pós-graduação e destas com a extensão universitária.
2. Corpo docente
 - 2.5. formação acadêmica;
 - 2.6. qualificação e capacitação acadêmico-profissional;
 - 2.7. atuação e desenvolvimento acadêmico-profissional;
 - 2.8. produção científica;
 - 2.9. condições de trabalho.
3. Instalações
 - 3.1. espaço físico;
 - 3.2. acervo da Biblioteca Central;
 - 3.3. núcleos e grupos de estudo e/ou de pesquisa;
 - 3.4. instalações e laboratórios específicos.
4. Formas de avaliação da aprendizagem dos discentes pelos docentes:
 - 4.1. participação em seminários;
 - 4.2. avaliações escritas e orais;
 - 4.3. trabalhos individuais ou em grupos;
 - 4.4. trabalhos de campo;
 - 4.5. elaboração de projetos de pesquisa, relatórios e monografias.

12. Considerações Finais

A presente estrutura consubstancia as diretrizes estabelecidas pelo Regulamento Geral dos Cursos de Graduação (RGCG) da UFG, os Referenciais Curriculares Nacionais (2010) e as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Geografia, propostas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e formuladas sob a égide da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei n. 9394/96).

A concepção desse projeto visa a formação dos profissionais em Geografia, oferecendo-lhes subsídios teóricos, técnicos e metodológicos específicos dessa área de conhecimento, como também em sua interface com as demais áreas afins, o que requer a observância dos princípios da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, indissociabilidade entre teoria e prática e da interdisciplinaridade.

Os conteúdos curriculares deste projeto pedagógico esboçam a possibilidade de constituir um profissional capaz de demonstrar sólida formação na área de Geografia, dominando o processo de produção do conhecimento geográfico, no âmbito da pesquisa e do ensino, em suas variadas dimensões. Pretende garantir as condições para que a transposição didática dos conteúdos seja feita de forma coerente e problematizadora, tanto no que se refere ao ensino, como naquilo que é pertinente ao nível do conhecimento produzido em pesquisas, com vistas a sua socialização diante da realidade social, no âmbito da extensão.

13. Referências Bibliográficas

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução n. 02*, de fevereiro de 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Resolução n. 14*, de 13 de março de 2002. Estabelece as diretrizes curriculares para o curso de Geografia. Disponível em: <<http://www.abmes.org.br/Legislac/2002/resolucao/RES-CES-14-130302htm>> Acesso em: 10 nov. 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. *Resolução n. 01*, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena. *Diário Oficial da União*, Brasília, 4 março 2002. Seção 1, p.8.

BRASIL. *Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96*.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer n. CNE/CES 492/2001, e Parecer CNE/CES1.363/2001, homologado em 25/01/2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Geografia.

UFG. Universidade Federal de Goiás. Circular/Prograd/RGCG n. 016, de 1º de abril de 2003. Orientações gerais para a elaboração de projeto pedagógico dos cursos de graduação adequadas ao novo RGCG/ UFG.

UFG. Universidade Federal de Goiás. Circular/Prograd/RGCG n. 025, de 8 de maio de 2003. Sugestões para construção de projeto pedagógico dos cursos de graduação da UFG.

UFG. Universidade Federal de Goiás. Pró-reitoria de Graduação. Câmara de Graduação. *Resolução CEPEC n. 626* de 14/10/2003. Define critérios para a Formação de Professores da UFG.

UFG. Universidade Federal de Goiás. *Regulamento Geral dos Cursos de Graduação. Dezembro de 2002*.

MOREIRA, Ruy. Um mundo experimentado por inteiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. *Anais*. Curitiba-PR: AGB, 1994, p.571-578.